



nara roesler

THE ARMORY SHOW 2025

estande 109

vip preview

quinta-feira, 4 de setembro

aberto ao público

5 – 7 de setembro

javits center

429 11th avenue

new york, eua



bruno
dunley

Bruno Dunley
Cidade, 2022
tinta óleo sobre tela
240 x 300,5 x 3,5 cm

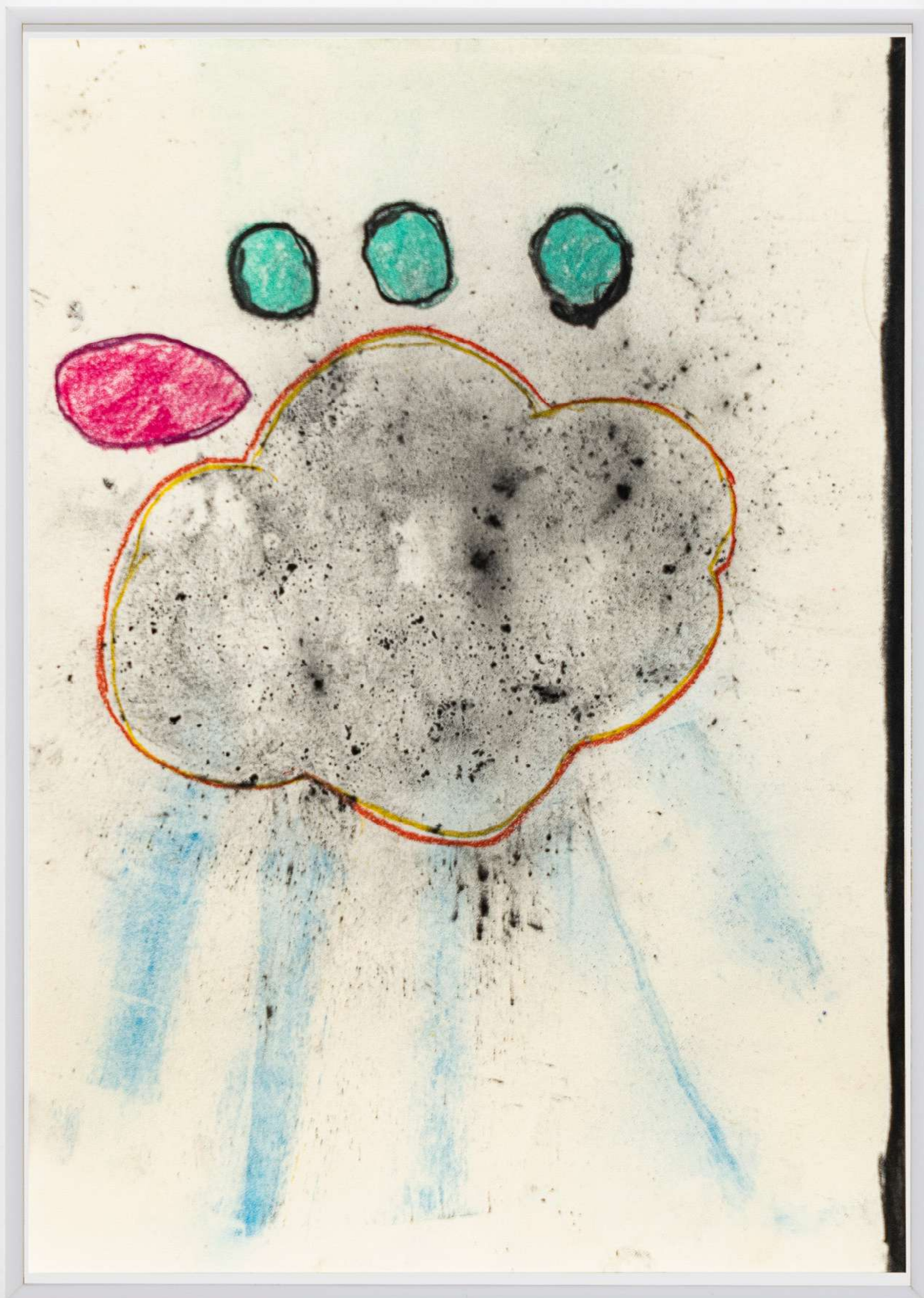


Bruno Dunley

Nuvem III, 2022

lápiz conté, giz pastel
e carvão sobre papel

52 x 35 cm





Bruno Dunley
Nuvem V, 2022
lápiz conté, giz pastel
e carvão sobre papel
29 x 21 cm



Bruno Dunley
Dia, 2024
tinta óleo sobre tela
52 x 35 cm



Bruno Dunley
Noite, 2024
tinta óleo sobre tela
52 x 35 cm



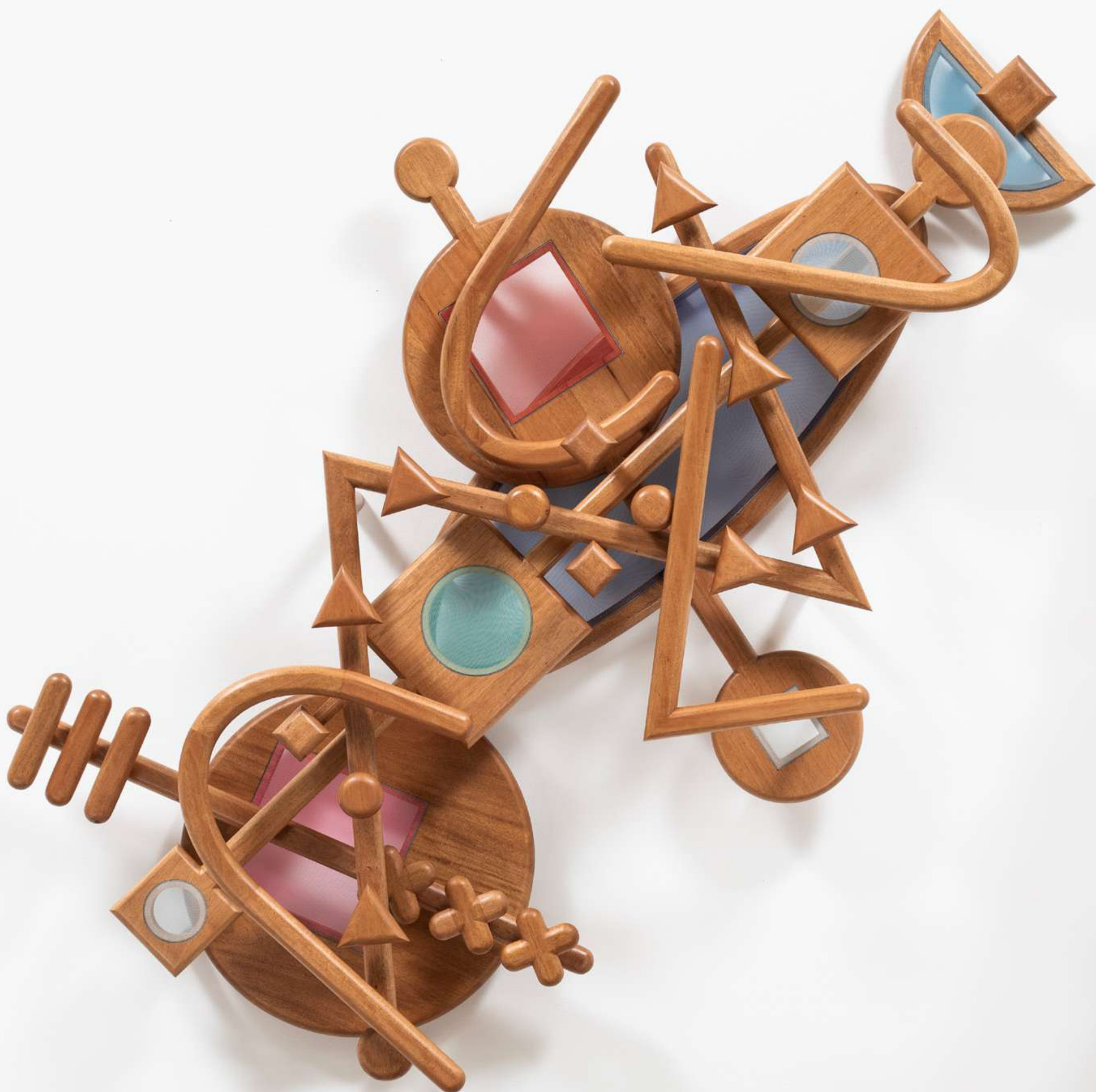


[mais sobre o artista](#) →



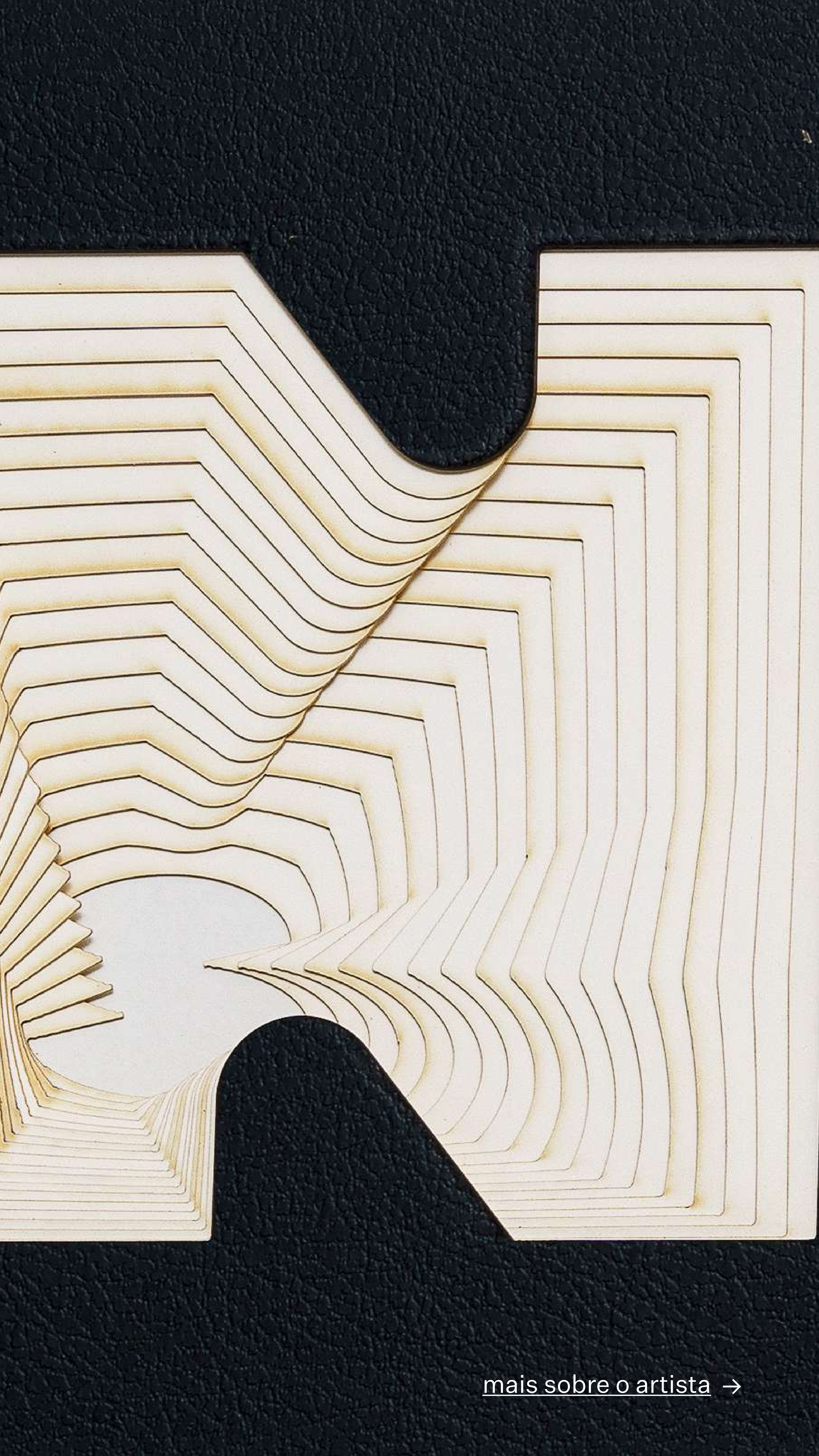
marco a.
castillo

Marco A. Castillo
Lam Palo 2, 2021
escultura em madeira
(mogno), malha e borracha
180 x 174 x 39 cm



Marco A. Castillo
Nosotros/Sin Usted, 2021
papel aglutinado revestido
com couro sintético
8 peças de 28,5 x 22 x 2 cm (cada)





[mais sobre o artista](#) →



isaac
julien

Isaac Julien

Soluções inventadas em ouro /

Solutions invented in gold (Lina Bo
Bardi— A Marvellous Entanglement), 2019

impressão jato de tinta sobre papel Ilford gold

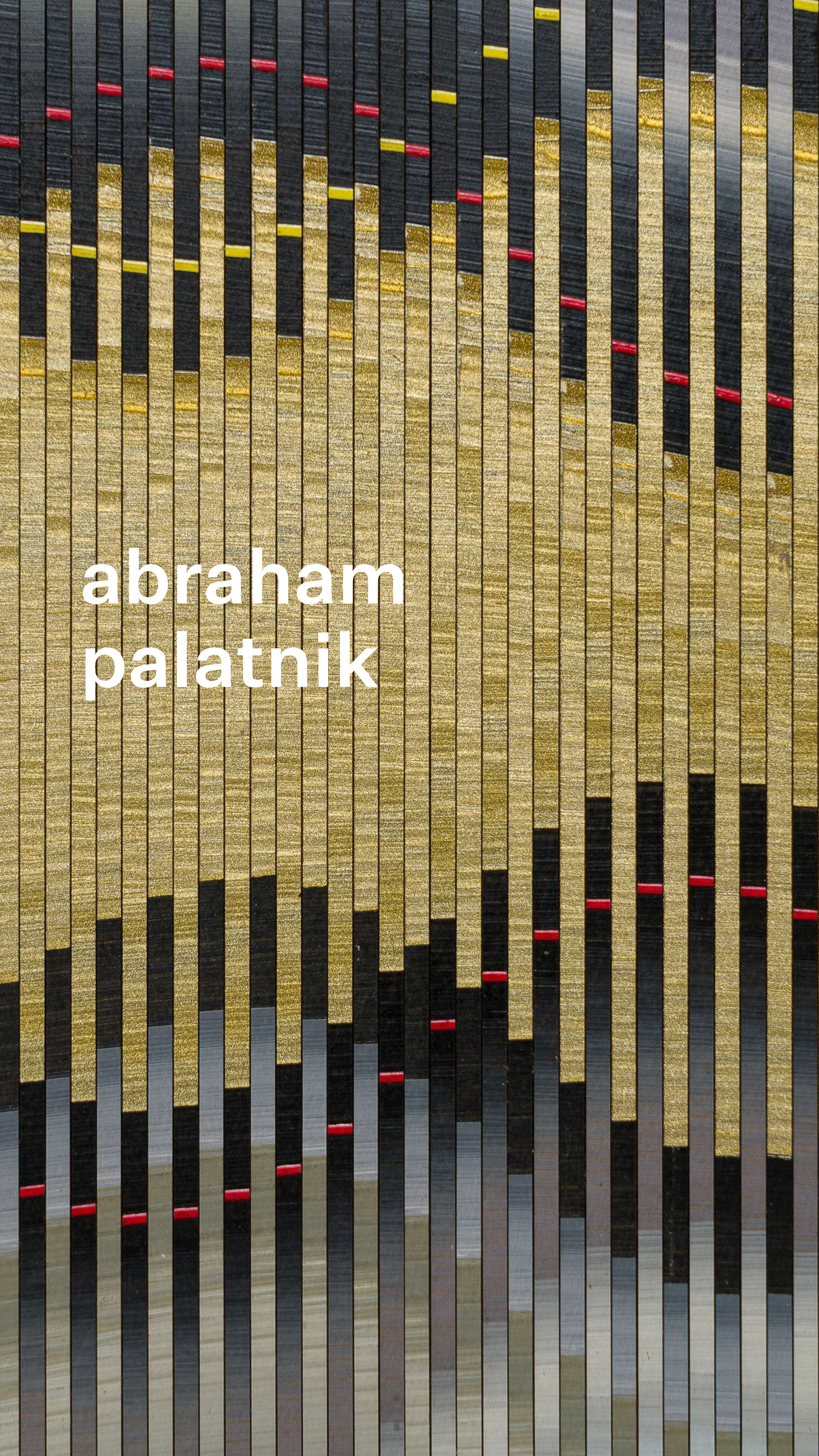
fibre gloss com folhas coloridas em Dibond

edição de 3 + 1 PA

80 x 105 cm

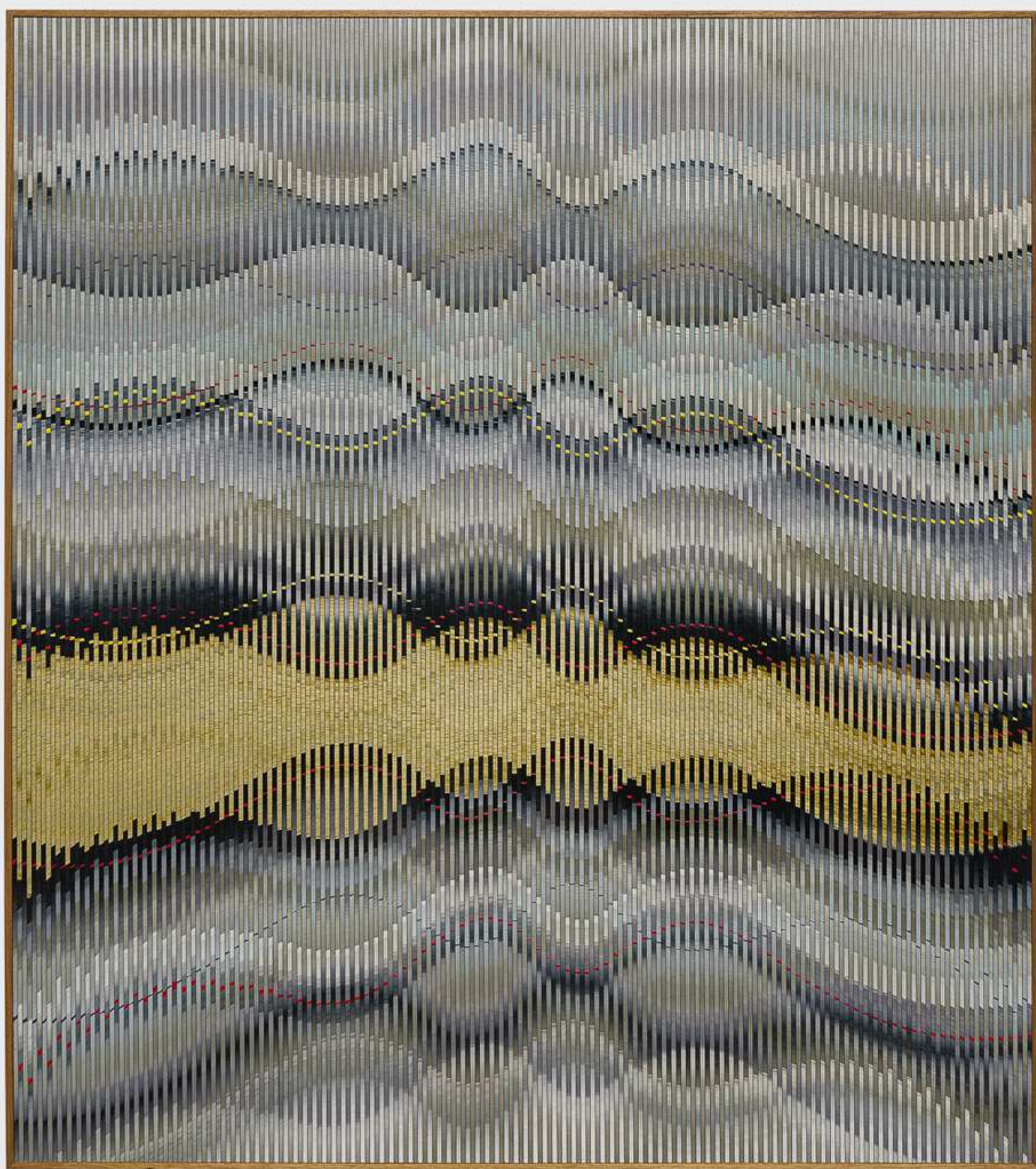


[mais sobre o artista](#) →

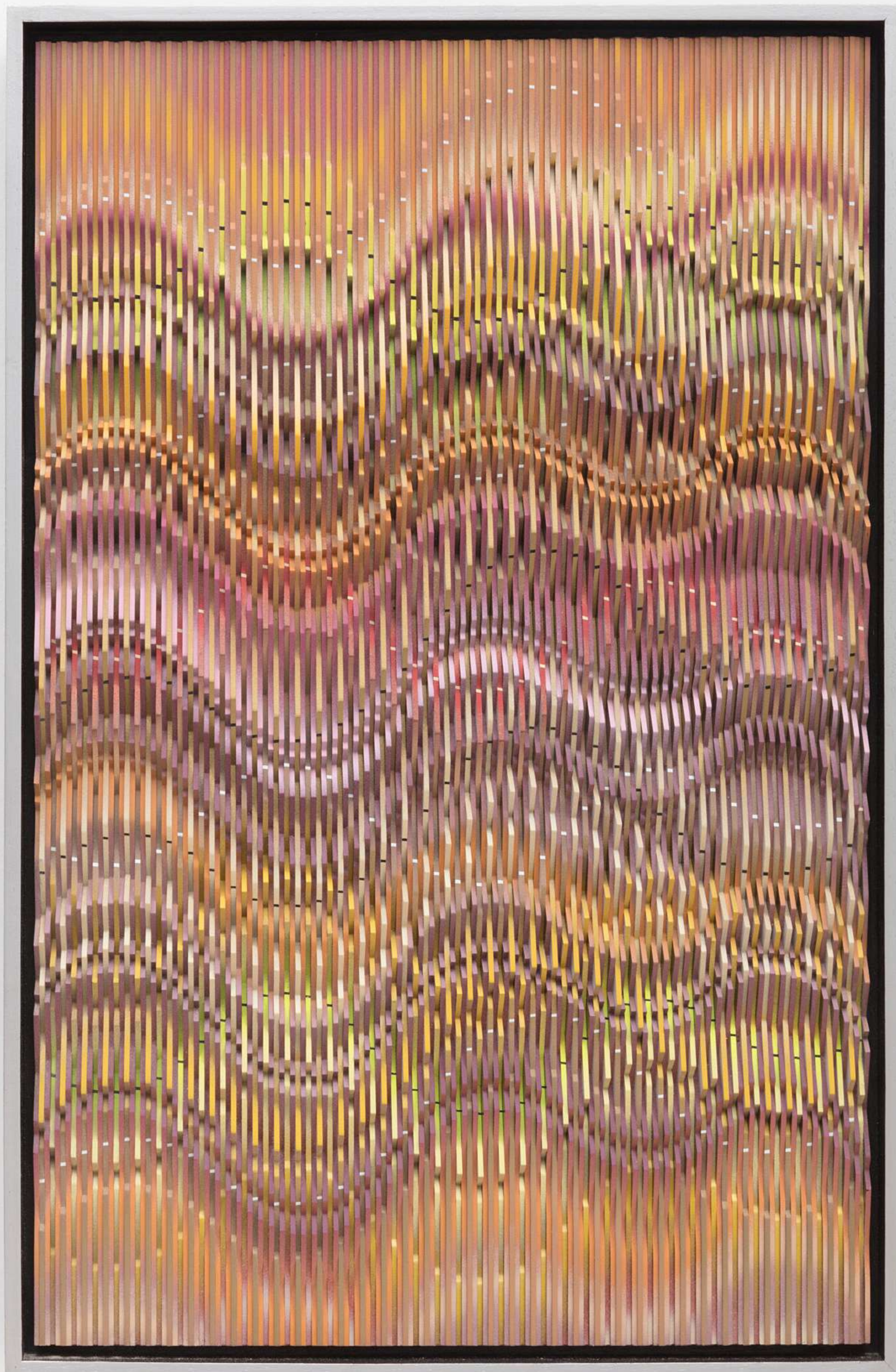


abraham
palatnik

Abraham Palatnik
W-VA/3, 2019
tinta automotiva
sobre aglomerado
125 x 110 cm



Abraham Palatnik
Sem Título, 2016
relevo, tinta alquídica
sobre acrílico
66 x 43 x 4 cm



[mais sobre o artista](#) →



JR

JR

GIANTS, Mohamed YOUNES IDRIS
from Sudan, Flamengo, Close-up,
© Comité international Olympique,
Rio de Janeiro, Brazil, 2016
impressão colorida, montada
em dibond, plexiglass
180 x 124 x 6 cm

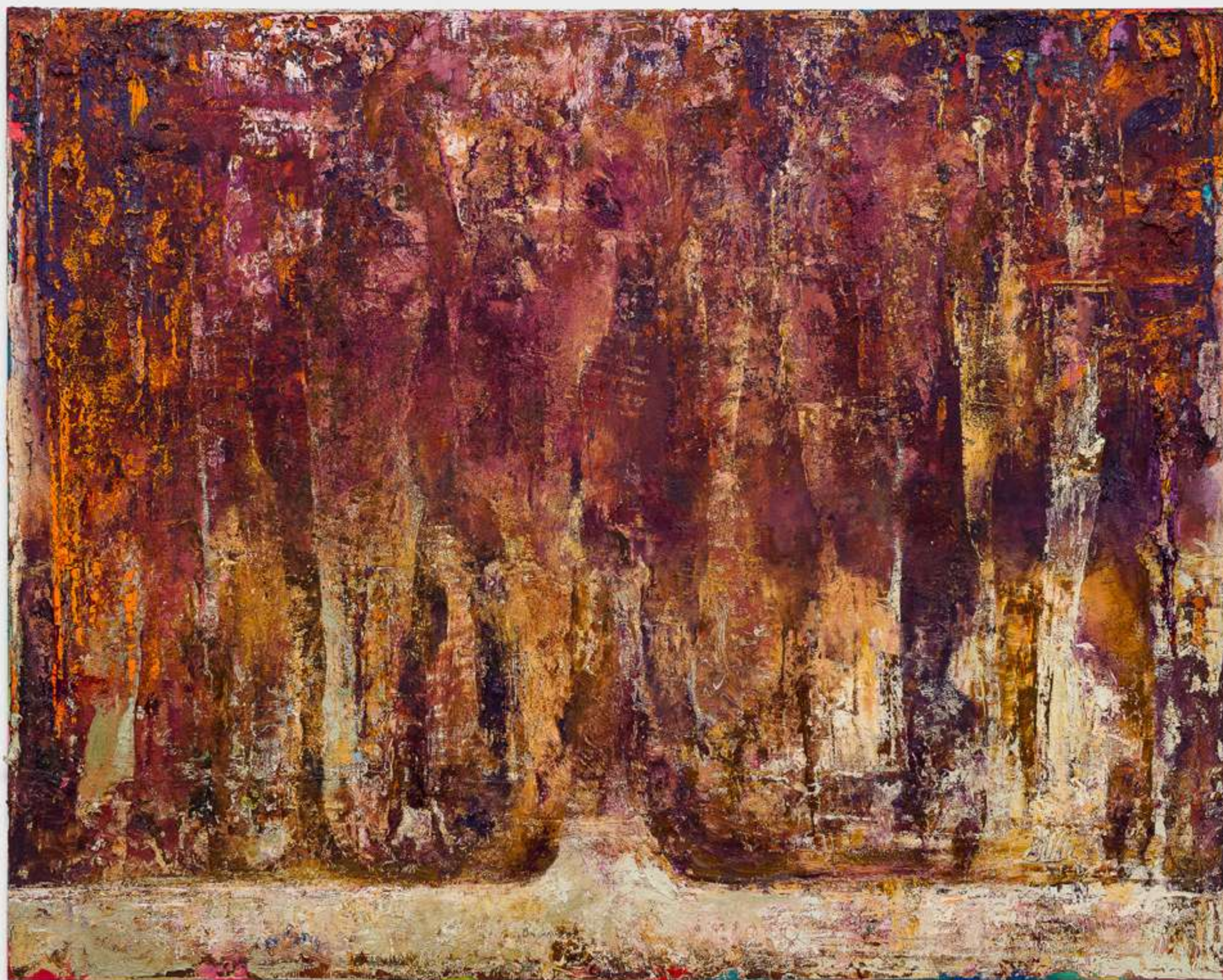


[mais sobre o artista](#) →

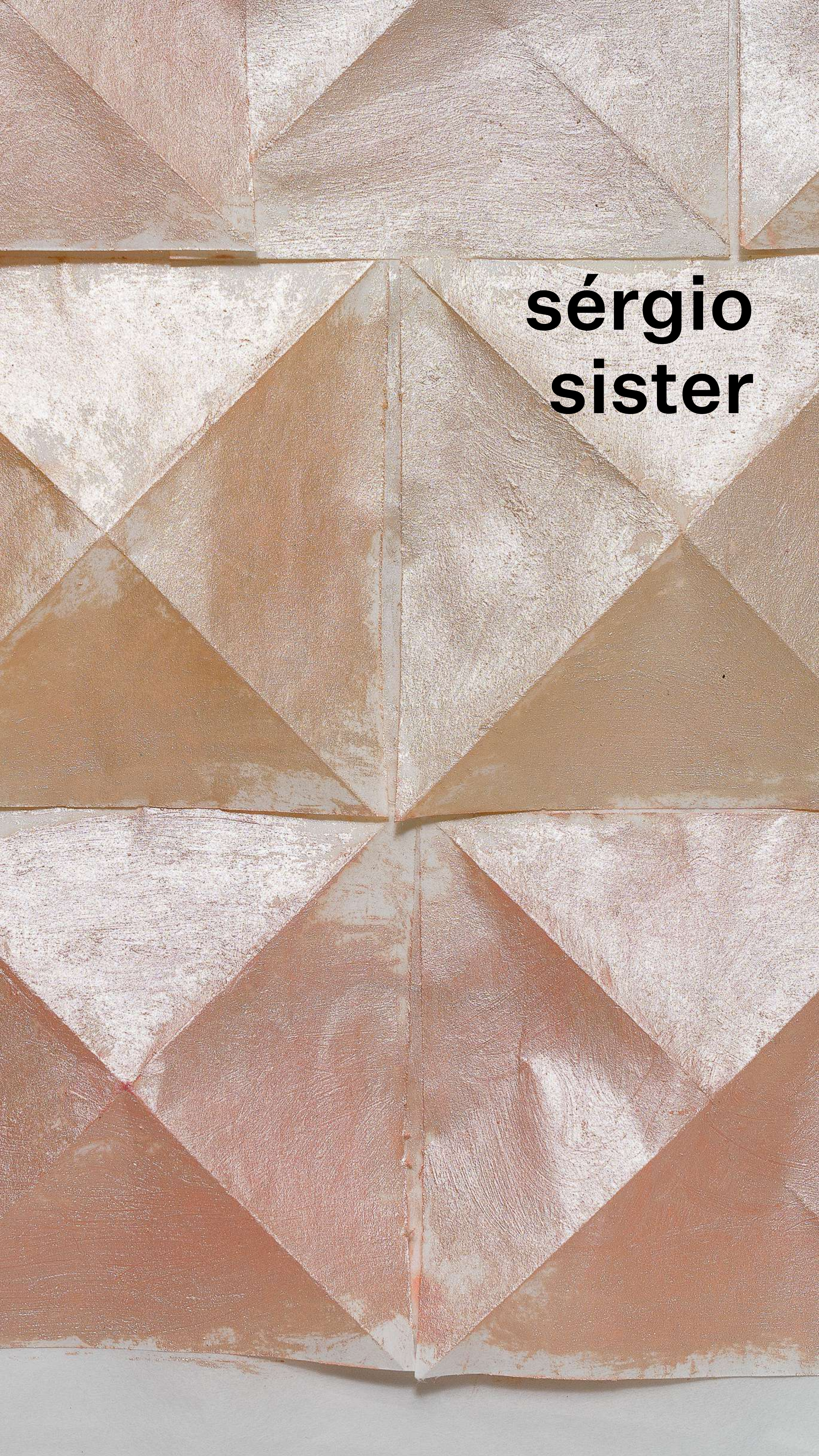
An abstract painting featuring thick, expressive brushstrokes. The color palette is dominated by dark brown, vibrant orange, and deep purple, with some lighter yellow and red accents. The texture is highly tactile, with visible ridges and valleys in the paint. The composition is dense and layered, suggesting a sense of depth and movement.

andré
griffo

André Griffo
Base para crucificação # 02, 2025
tinta óleo e acrílica sobre tela
190 x 238 x 6 cm



[mais sobre o artista](#) →



**sérgio
sister**

Sérgio Sister
Kintsugi # 01, 2025
tinta óleo sobre papel
kozy e papel filtro
97 x 84 cm



Sérgio Sister
Kintsugi # 02, 2025
tinta óleo sobre papel
kozy e papel filtro
97 x 84 cm





[mais sobre o artista](#) →



**artur
lescher**

Artur Lescher

Duplo infinito, 2020

latão, linhas de multifilamento

verde e cabo de aço

edição de 5 + 2 PA

220 x 23,5 x 20 cm



Artur Lescher
Rio Léthê # 12, 2022
madeira cumaru e
feltro de lã natural
unique
255 x 80,6 x 17 cm



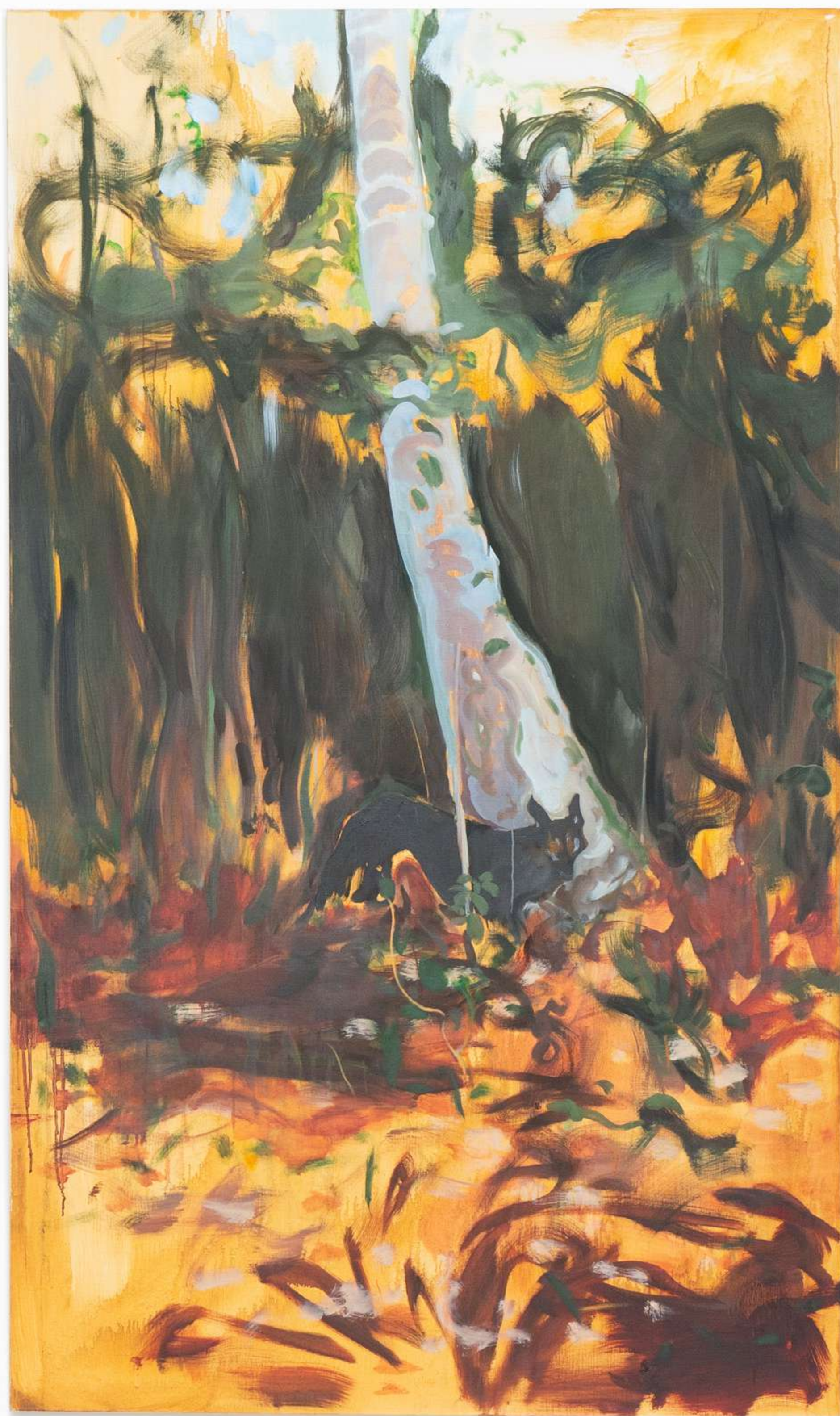
[mais sobre o artista](#) →



An abstract painting featuring a central white, elongated, and somewhat rounded form that resembles a reclining figure or a draped object. This central form is set against a dark, textured background of deep blacks and dark greys. To the left of the white form, there are patches of light blue, lavender, and pale yellow. Below the white form, the background is more complex, with streaks of brown, orange, and red, suggesting a ground or a base. The overall style is expressive, with visible brushstrokes and a rich, layered texture. The text 'maria klabin' is overlaid in the upper right quadrant in a clean, white, sans-serif font.

**maria
klabin**

Maria Klabin
Lobo, 2021-2023
tinta óleo sobre linho
200 x 120 cm



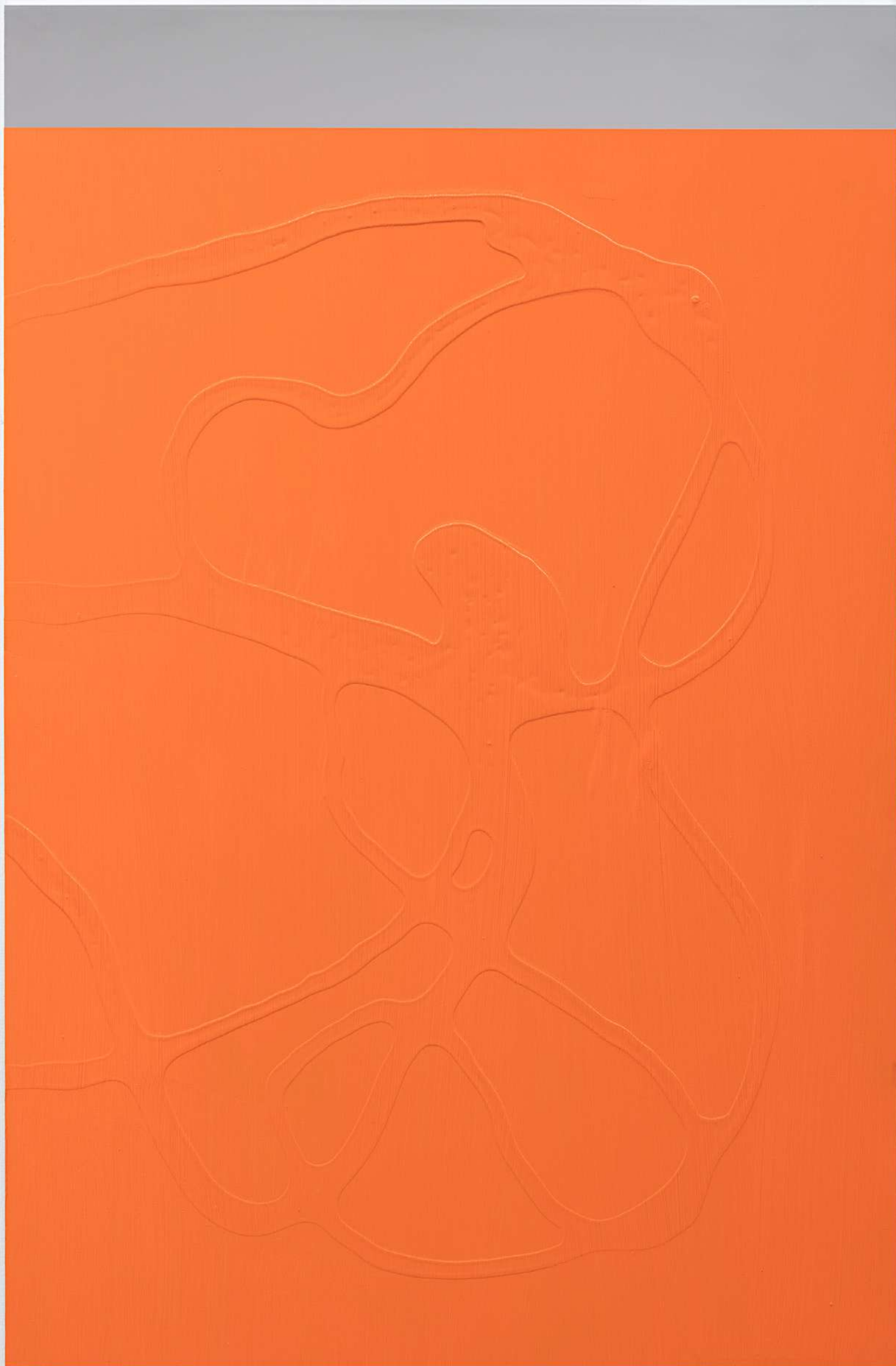
[mais sobre o artista](#) →



The background is a solid orange color with several white, organic, and somewhat abstract shapes overlaid. These shapes resemble liquid droplets or soft-edged outlines, creating a layered, textured effect. The shapes vary in size and are distributed across the frame, with some appearing more prominent than others.

**carlito
carvalhosa**

Carlito Carvalhosa
Sem Título (P61/17), 2017
tinta óleo sobre
alumínio espelhado
122 x 80 cm



[mais sobre o artista](#) →

An abstract geometric artwork featuring a grid of colored squares and lines. The colors include various shades of orange, red, pink, yellow, and blue. The lines are thin and intersect to form a grid pattern. The overall composition is minimalist and modern.

heinz
mack

Heinz Mack
*Grid-Picture (Chromatic
Constellation)*, 2000
tinta acrílica, tela,
madeira e folha de ouro
120 x 139 x 18 cm



Heinz Mack
Golden Mountain, 2011
bronze
32 x 50 x 20 cm



Heinz Mack
Sem Título, 2009
cerâmica vitrificada
e ouro polido
25 x 17 x 3 cm





[mais sobre o artista](#) →



julio
le parc

Julio Le Parc

Partiel de: Serie 16 n° 9, 2020

tinta acrílica sobre tela

80 x 80 cm



[mais sobre o artista](#) →



**sheila
hicks**

Sheila Hicks
La Ronde, 2024
linho e lã
93 x 93 x 11 cm



[mais sobre o artista](#) →

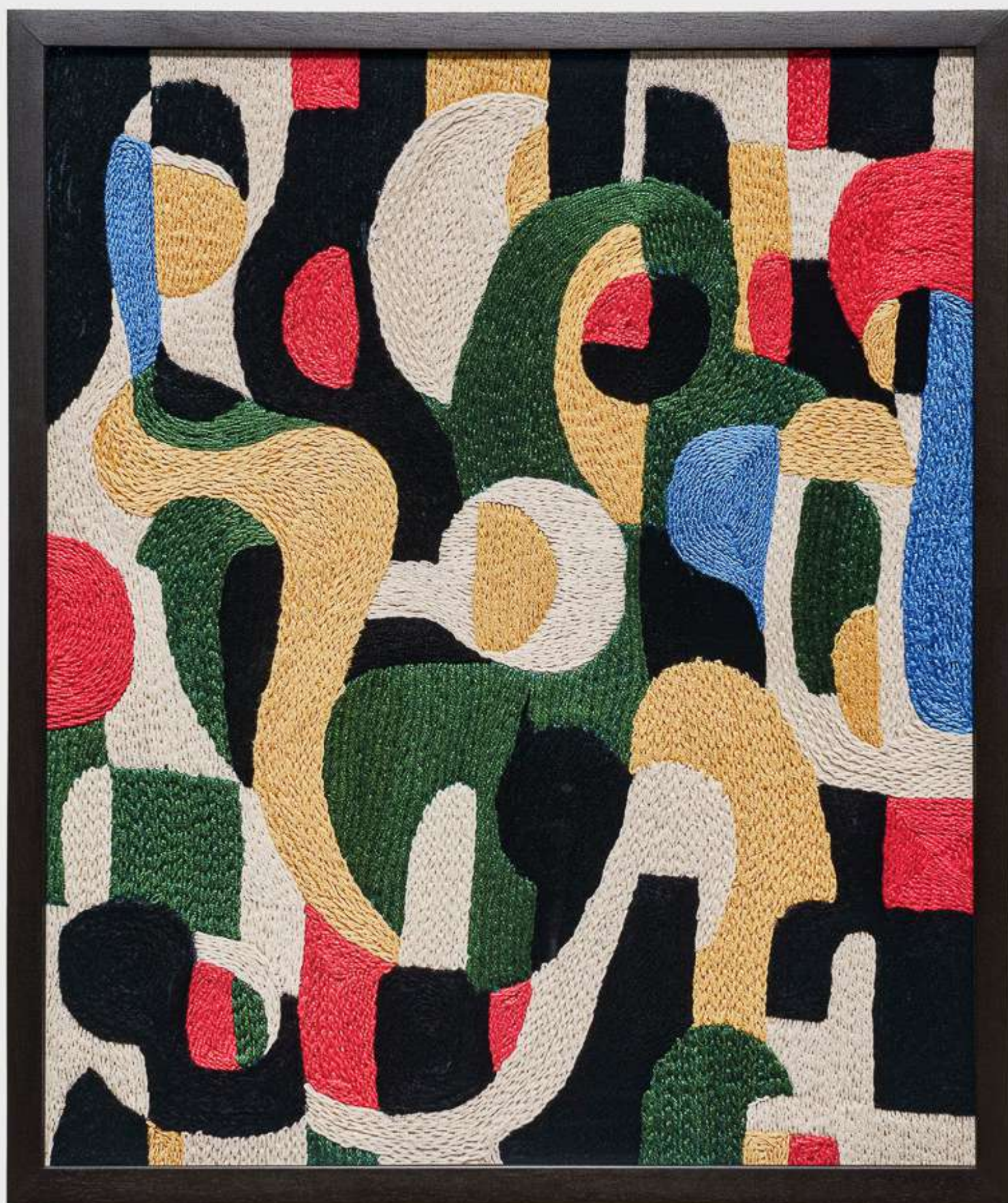


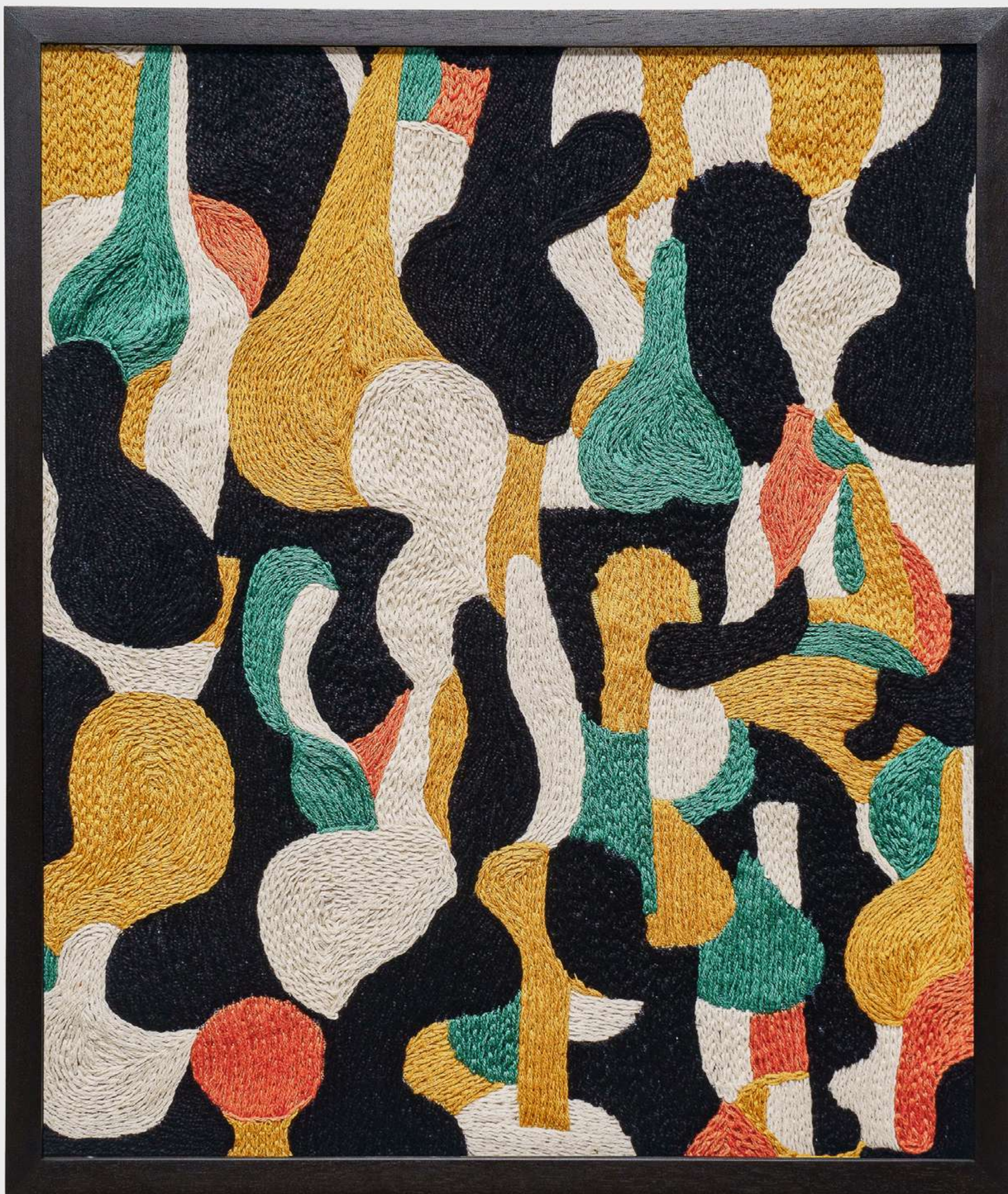
vik
muniz

Vik Muniz

*Art fair (Pictures of
Thread 2 series)*, 2025

impressão jato de
tinta em papel archival
edição de 3 + 2 PA
91,4 x 76,2 cm





Vik Muniz
Círio de Nazaré
(*Pictures of Thread 2 series*), 2025
impressão jato de
tinta em papel archival
edição de 3 + 2 PA
91,4 x 76,2 cm

Vik Muniz

Gypsy, after Joaquin Sorolla
(*Brushstrokes series*), 2025

impressão jato de

tinta em papel archival

edição de 6 + 4 PA

170,9 x 101,6 cm





[mais sobre o artista →](#)

The background is an abstract composition of three main color fields: a dark red field on the left, a black field in the upper right, and a bright red field at the bottom. The boundaries between these fields are irregular and organic, suggesting a hand-painted or layered paper effect. The text is positioned in the bottom right corner, overlapping the bright red field.

**tomie
ohtake**

Tomie Ohtake
Sem Título, 1975
tinta óleo sobre tela
65 x 65 cm



[mais sobre a artista](#) →



**daniel
senise**

■
Daniel Senise
Sem Título (Dia Beacon), 2024
monotipia de parede em
tecido e médium acrílico
125 x 200 cm

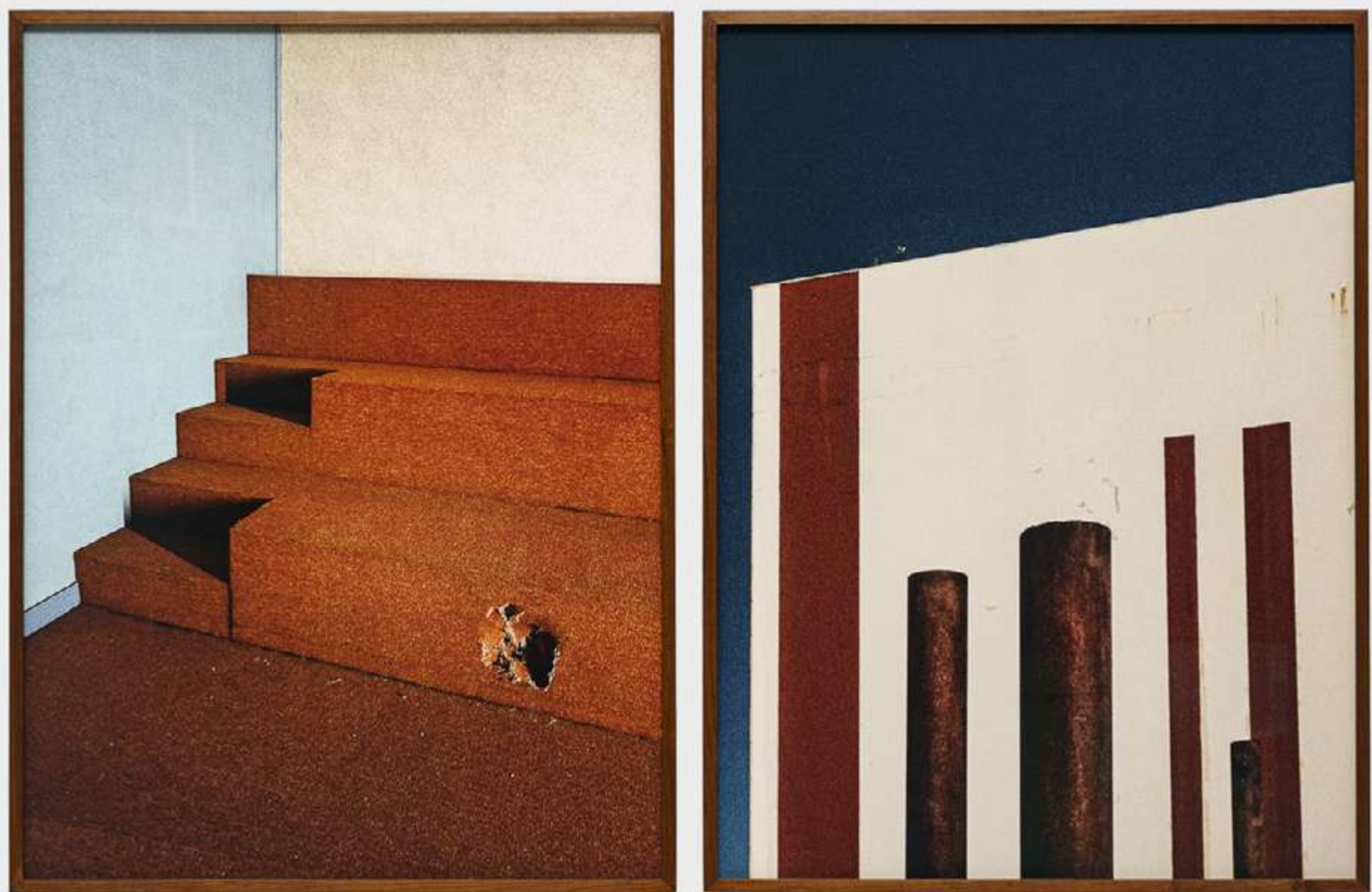


[mais sobre o artista](#) →

An abstract composition of several rectangular blocks of varying sizes, all covered in a dense, brown, fibrous texture. The blocks are arranged in a way that creates deep shadows and highlights, suggesting a three-dimensional structure. A small portion of a light blue surface is visible in the top left corner.

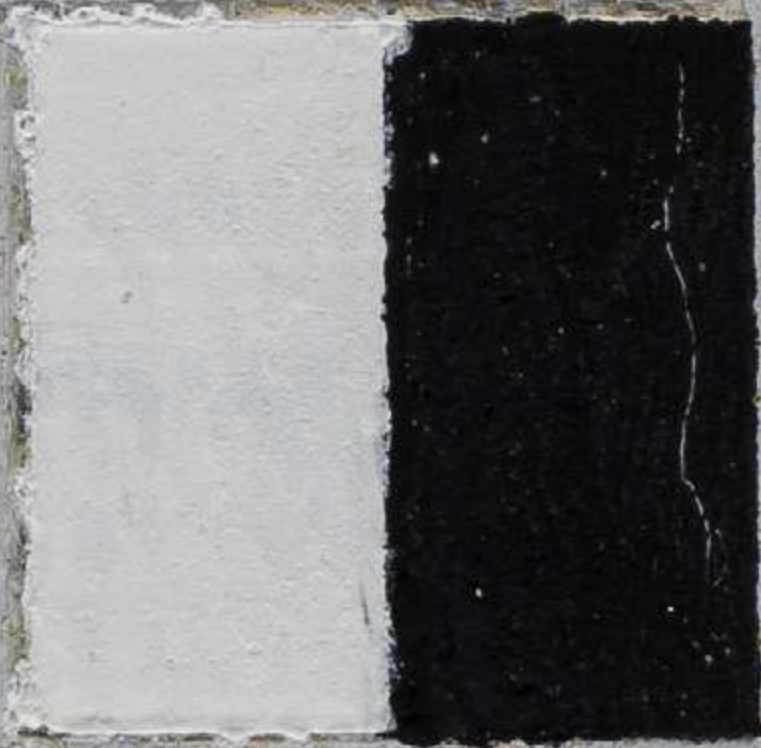
**marcos
chaves**

Marcos Chaves
Combinação #15
(série *Pares*), 2025
fotografia
2 partes de 80 x 60 cm (cada)



[mais sobre o artista](#) →

**fabio
miguez**



Fabio Miguez
Sem Título (Piero), 2023
tinta óleo e cera sobre linho
24 x 18 x 2 cm



Fabio Miguez
Sem Título, 2023
tinta óleo e cera sobre linho
18 x 24 x 2 cm



Fabio Miguez
Sem Título (Maranhão), 2023
tinta óleo e cera sobre linho
30 x 30 x 2 cm





[mais sobre o artista](#) →



**marcelo
silveira**

Marcelo Silveira
Semente III, 2024
madeira cajacatinga
46 x 46 x 15 cm



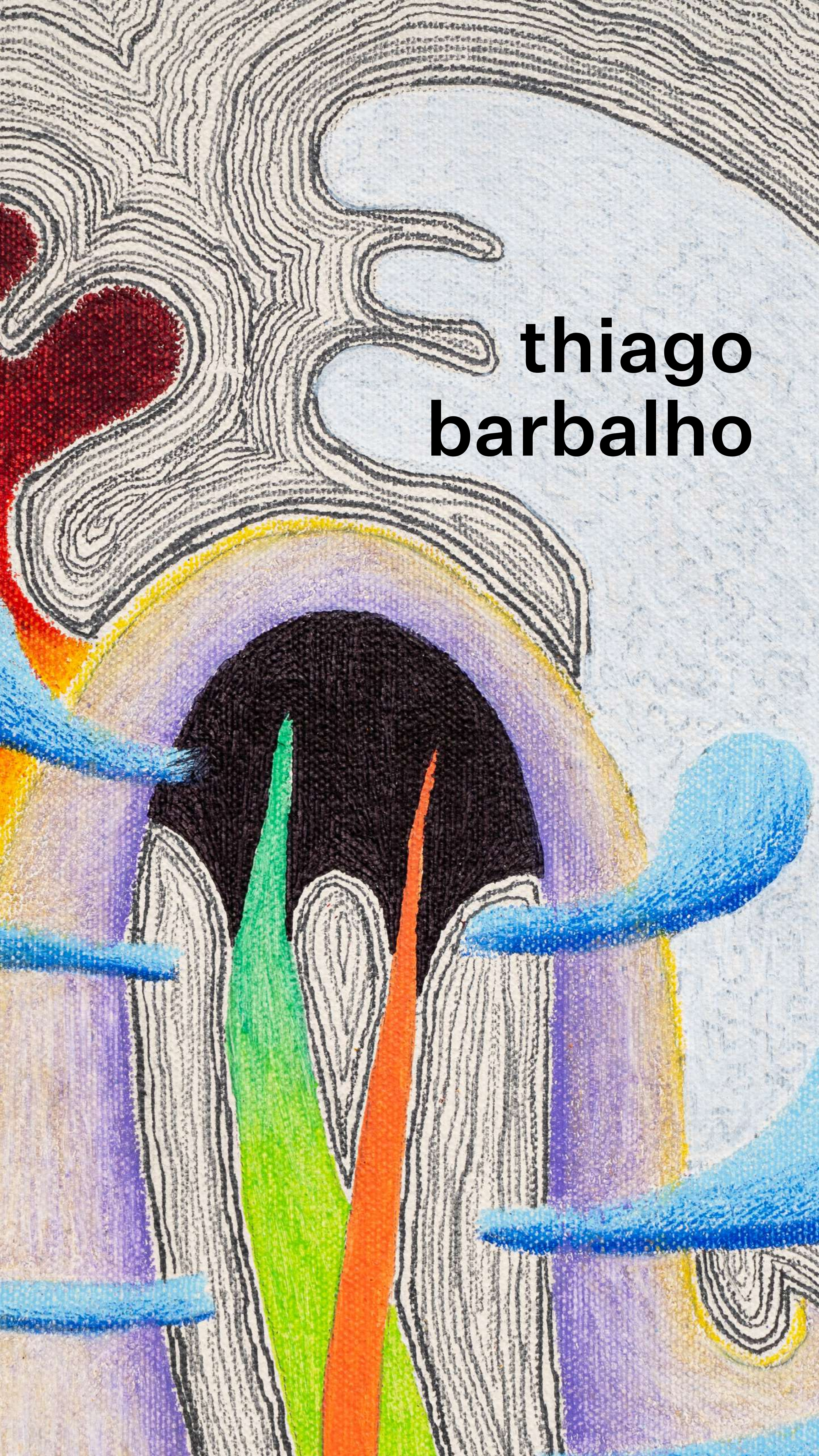
[mais sobre o artista](#) →

**mônica
ventura**

Mônica Ventura
VII, da série Alteia, 2025
tinta óleo sobre tela
150 x 130 x 3 cm

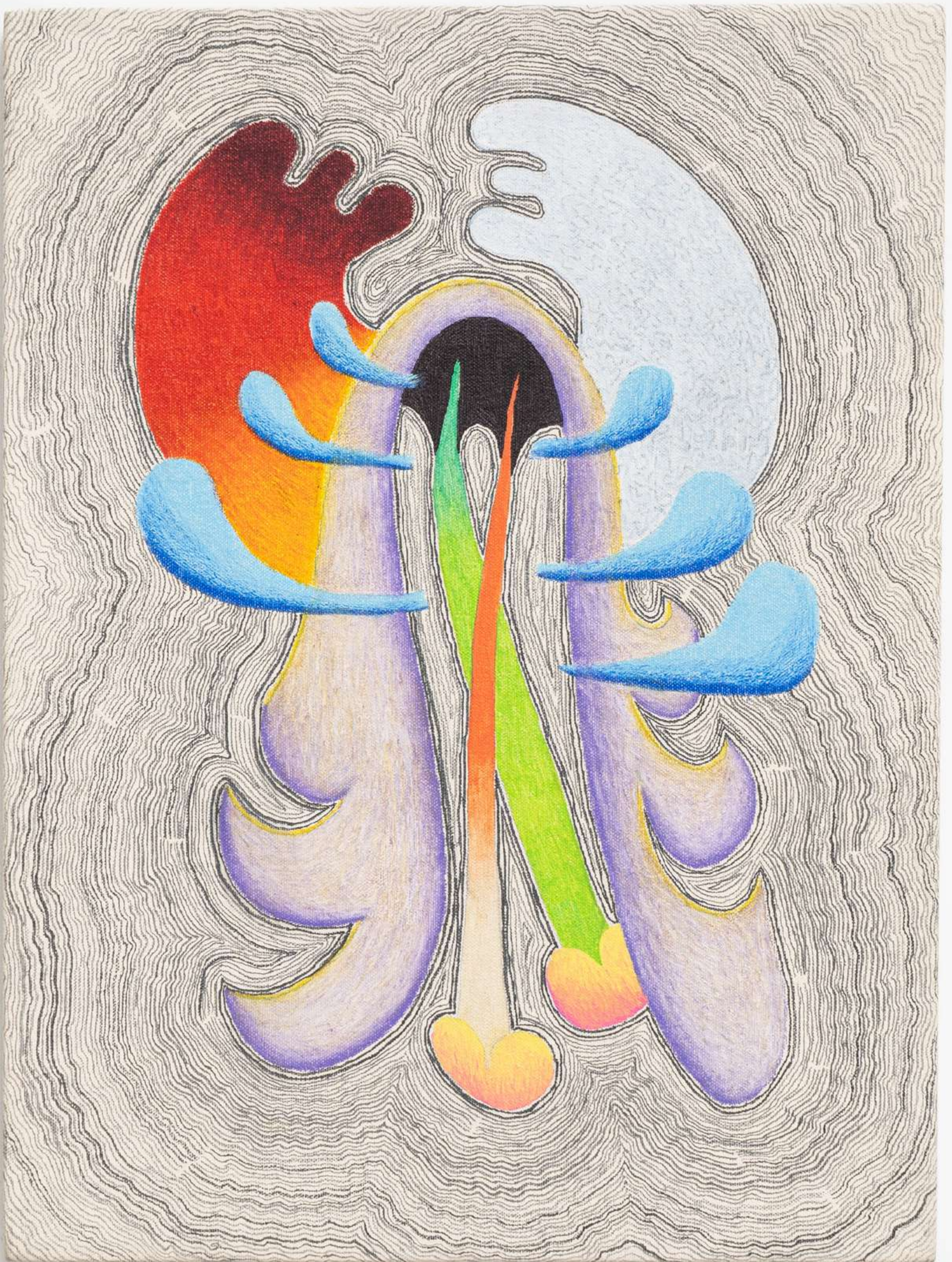


[mais sobre a artista](#) →

An abstract artwork featuring a complex composition of layered, wavy, and concentric lines in black, white, and grey. A prominent red, textured area is visible on the left side. A large, dark, curved shape dominates the center, with a bright green and orange vertical strip passing through it. The background is a mix of light blue, purple, and yellow washes. The overall style is expressive and textured, resembling a combination of drawing and painting.

**thiago
barbalho**

Thiago Barbalho
Araucária, 2025
lápis de cor, lápis grafite,
caneta esferográfica e marcador
permanente sobre tela
40 x 30 cm



[mais sobre o artista](#) →

Thiago Barbalho
Invasão litoral, 2023
tinta óleo, tinta acrílica,
lápiz grafite, lápis de cor e
marcador permanente sobre tela
172,7 x 119,4 cm



Thiago Barbalho
Pescador 2, 2025
tinta óleo, tinta acrílica,
lápiz grafite, lápis de cor e
marcador permanente sobre tela
25,4 x 20,3 cm





**gerardo
rosales**

Gerardo Rosales
Equilibrium 20, 2024
tinta acrílica e guache
acrílico sobre tela
23 x 28 x 4 cm



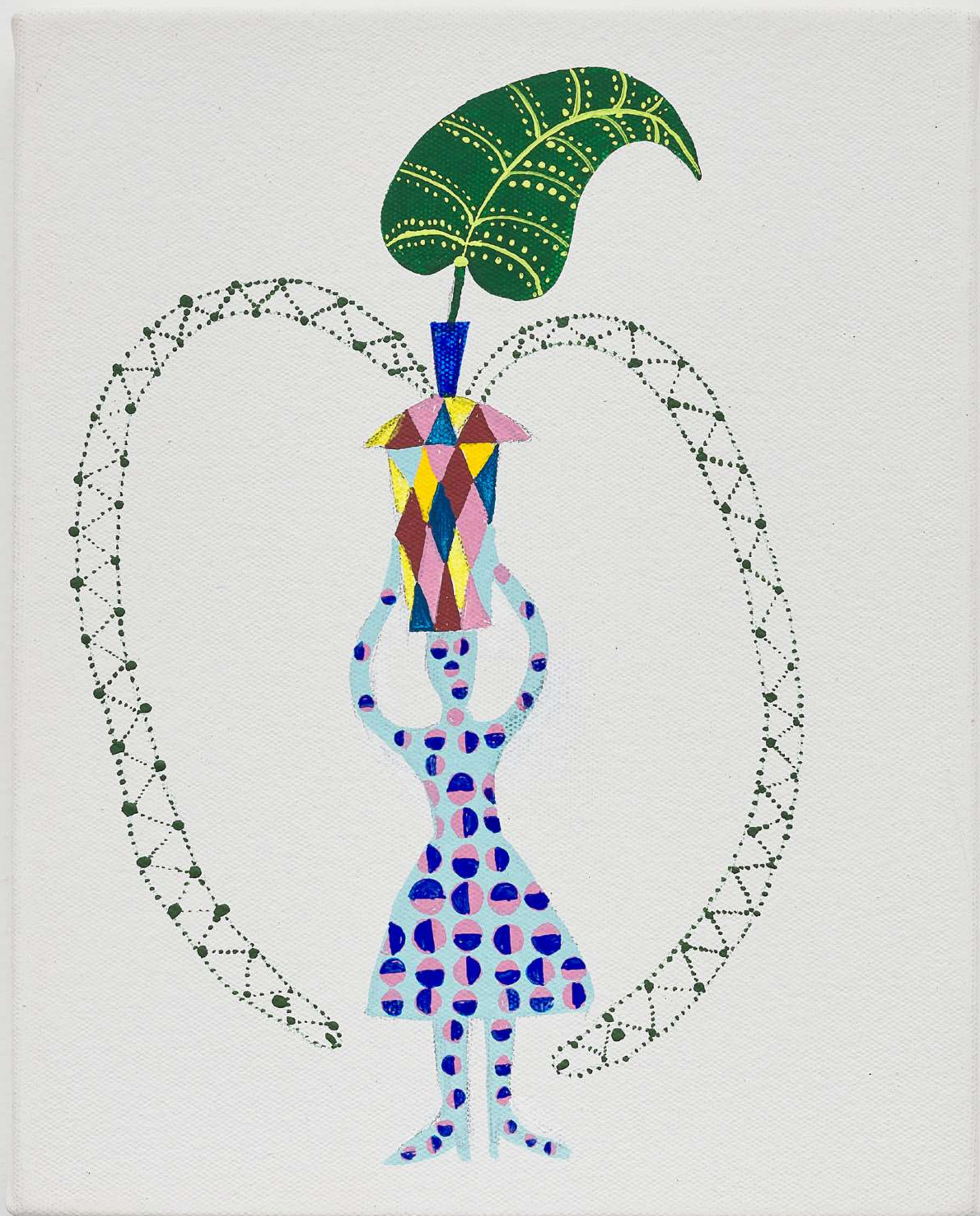
Gerardo Rosales
Camino ciego, 2024
tinta acrílica e guache
acrílico sobre papel
27 x 35 cm



Gerardo Rosales
Ganymede in the dark, 2024
tinta acrílica e guache
acrílico sobre tela
23 x 28 x 4 cm
9.1 x 11 x 1.6 in



Gerardo Rosales
Equilibrium 21, 2024
tinta acrílica e guache
acrílico sobre tela
23 x 28 x 4 cm



[mais sobre o artista](#) →

An abstract painting featuring thick, expressive brushstrokes. The composition is dominated by various shades of green, ranging from light mint to deep forest green. Interspersed among the green are areas of soft lavender and pale purple. Darker, more textured strokes in shades of blue and grey are visible, particularly in the upper left and lower right corners. The overall effect is one of dynamic movement and layered depth, with the paint appearing to be applied with a palette knife or heavy brush, creating a tactile, three-dimensional quality.

**manoela
medeiros**

Manoela Medeiros
How forms are born, 2025
tinta acrílica, massa
acrílica, pigmento mineral e
escavação sobre tela
150 x 121 x 5 cm



[mais sobre a artista](#) →

[clique para voltar para o início do preview](#) ↑

mais sobre o artistas

bruno dunley
n. 1984, Petrópolis, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

No universo pictórico de Bruno Dunley, promessas são constantemente feitas e quebradas, distendendo os limites da visualidade. Seu trabalho explora a pintura não apenas como técnica de figuração expressiva, mas busca refletir sobre a própria especificidade do meio, principalmente no que diz respeito à sua materialidade e função representativa na tradição artística. Dunley é um dos expoentes da nova e proeminente geração de pintores brasileiros e um dos fundadores do Grupo 2000e8. O coletivo de jovens artistas foi criado em São Paulo devido a um interesse compartilhado pela pintura e pela vontade de desenvolver um pensamento crítico sobre a técnica na contemporaneidade.

O processo de Dunley parte de composições rigorosamente construídas que passam por correções e alterações graduais e cuja função é revelar as lacunas e lapsos da percepção visual. Frequentemente, uma única cor predomina na superfície, o que gera uma postura meditativa diante do trabalho. Contudo, há a busca crescente por configurações mais agressivas, expressivas e contrastadas, por cores vibrantes. Em sua prática, a temática é sempre dúplice: o artista pinta influenciado pelo encontro com imagens cotidianas, assim como pelo estudo aprofundado do campo pictórico. Ambas convergem, porém, no uso pronunciado dos códigos dessa linguagem. Gestos, planos e cores fazem a representação emergir mais como um alfabeto, um território comum, em que o processo de feitura sempre está presente.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas • <i>Clouds</i>, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023) • <i>Virá</i>, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020) • <i>The Mirror</i>, Nara Roesler, Nova York, EUA (2018) • <i>Dilúvio</i>, SIM Galeria, Curitiba, Brasil (2018) • <i>Ruído</i>, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2015) e Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2013) • <i>11bis Project Space</i>, Paris, França (2011) exposições coletivas selecionadas • <i>The rains are changing fast</i>, The Hekscher Museum of Art, Huntington, EUA (2024) • <i>Aberto 02</i>, Casa Vilanova Artigas, São Paulo, Brasil • <i>Mapa da estrada: novas obras no Acervo da Pinacoteca de São Paulo</i>, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022) • <i>Entre tanto</i>, Casa de Cultura do Parque (CCP), São Paulo, Brasil (2020)	• <i>Triangular: Arte deste século</i>, Casa Niemeyer, Brasília, Brasil (2019) • <i>AI-5 50 ANOS – Ainda não terminou de acabar</i>, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018) • <i>139 X NOTHING BUT GOOD</i>, Park – platform for visual arts, Tilburg, Países Baixos (2018) • <i>Visões da arte no acervo do MAC USP 1900–2000</i>, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2016) • <i>Deserto-modelo</i>, 713 Arte Contemporâneo, Buenos Aires, Argentina (2010) coleções selecionadas • The Hekscher Museum of Art, Huntington, EUA • Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil • Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil • Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil • Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
--	--

[voltar ao trabalho do artista ↑](#)

marco a. castillo
n. 1971, Havana, Cuba
vive e trabalha entre Havana, Cuba e Madri, Espanha

O cubano Marco Castillo é um dos membros fundadores do coletivo Los Carpinteros, criado em Havana, em 1992. O grupo tinha como preceitos a renúncia à autoria individual e a prática baseada na junção de elementos e formas da arquitetura, do design e da arte. Seus desenhos e instalações partem da observação de elementos materiais do nosso cotidiano. Esses aspectos são reelaborados para explorar a relação entre o funcional e o não funcional, assim como a relação entre arte e sociedade.

Em consonância com o movimento global de revisionismo histórico, Castillo reflete sobre o processo de modernização de Cuba durante as décadas de 1960 e 1970, fazendo referência a influentes artistas, arquitetos e designers cubanos. As esculturas e os trabalhos em papel de seu mais recente projeto combinam elementos do design moderno e do realismo socialista do período soviético a técnicas e materiais cubanos tradicionais – incluindo a madeira de mogno e a treliça de palha, além do desenho gráfico daquelas épocas.

Recentemente, o artista tem concentrado seu trabalho em reinterpretar obras de figuras-chave daquilo que chama de “geração esquecida”, como Gonzalo Córdoba, María Victoria Caignet, Rodolfo Fernández Suárez (Fofi), Joaquín Galván e Walter Betancourt. Assumindo um ponto de vista político, Castillo busca seguir a trilha deixada por esses artistas históricos, ao mesmo tempo que se afirma enquanto defensor e propagador da herança artística cubana.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas • <i>The Hands of Collector</i>, Cranbook Art Museum, Detroit, EUA (2024) • <i>Propriedad del estado</i>, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021) • <i>The Decorator’s Home</i>, UTA Artist Space, Los Angeles, EUA (2019) • <i>El susurro del palmar</i>, Galerie Peter Kilchmann, Zurique, Suíça (2018) • <i>La cosa está candela</i>, Museo de Arte Miguel Urrutia, Bogotá, Colômbia (2017) • <i>Los Carpinteros</i>, Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey, México (2015) • <i>Ciudad Transportable</i>, Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA (2001) exposições coletivas selecionadas • <i>Sin Autorizacion: Contemporary Cuban Art</i>, Columbia University, Nova York, EUA (2022) • <i>On the Horizon: Contemporary Cuban Art from the Jorge M. Pérez Collection</i>, Pérez Art Museum Miami, Miami, EUA (2018) • <i>Everyday Poetics</i>, Seattle Art Museum, Seattle, EUA (2017)	• <i>Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art Since 1950</i>, Walker Art Center, Minneapolis; Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2017) • <i>Alchemy: Transformations in Gold</i>, Des Moines Art Center, Des Moines, EUA (2017) • <i>Contingent Beauty: Contemporary Art from Latin America</i>, Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2015) • <i>The Kaleidoscopic Eye: Thyssen-Bornemisza Art Contemporary Collection</i>, Mori Art Museum, Tóquio, Japão (2009) • <i>Bienal de Havana</i>, Cuba (2019, 2015, 2012, 2006, 2000, 1994, 1991) • <i>13ª Bienal de Sharjah</i>, EAU (2017) • <i>25ª Bienal de São Paulo</i>, Brasil (2002) coleções selecionadas • Centre Georges Pompidou, Paris, França • Daros Foundation, Zurique, Suíça • Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA • Tate Modern, Londres, Reino Unido • Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA
---	--

voltar ao trabalho do artista ↑

isaac julien

n. 1960, Londres, Reino Unido, onde vive e trabalha

Isaac Julien é um dos mais importantes e influentes artistas britânicos nos campos da instalação e do cinema. Em seu trabalho, ele utiliza elementos provenientes de disciplinas e práticas variadas (entre elas cinema, fotografia, dança, música, teatro, pintura e escultura), integrando-os em instalações audiovisuais dramáticas, obras fotográficas e documentários. A pluralidade não se faz presente apenas nas linguagens agenciadas em seu processo, mas também no resultado, exibido em instalações compostas por múltiplas telas e, por vezes, fotografias. Suas imagens deslumbrantes e potentes articulam uma linguagem visual única e poética.

Os trabalhos de Julien surgem de investigações sobre personalidades proeminentes do século XX, tais como Langston Hughes, Frantz Fanon e Lina Bo Bardi, atuando, muitas vezes, de modo a revisar as narrativas históricas oficiais. Apesar do principal meio de produção do artista ser o vídeo, a fotografia possui papel fundamental no seu processo. Em suas fotos, encontramos a síntese estética de seu trabalho audiovisual, assim como sua renovação, a partir de procedimentos de colagem e fotomontagem.

Seu filme *Young Soul Rebels* (1991) recebeu o prêmio Semaine de la Critique no Festival de Cinema de Cannes. *Frantz Fanon: Black Skin, White Mask* (1996), co-dirigido por Mark Nash, venceu o Grande Prêmio Pratt and Whitney Canada. Julien também foi contemplado com o Prêmio McDermott do MIT e o Prêmio The Golden Gate Persistence of Vision (2014), no Festival de Cinema de São Francisco. Em 2015, Isaac Julien recebeu o Prêmio Kaino por Excelência Artística.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- Lessons of the hour: Frederick Douglas, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2024)
- *Isaac Julien – Fantôme Afrique*, Ruby City, San Antonio, EUA (2023)
- *What Freedom is to me*, Tate Britain, Londres, Reino Unido (2023)
- *Once Again... (Statues Never Die)*, Barnes Foundation, Philadelphia, EUA (2022)
- *Lessons of the Hour*, Metro Pictures; Memorial Art Gallery (MAG), Nova York, EUA (2019)
- *Western Union: Small Boats*, ARoS Aarhus Kunstmuseum, Aarhus, Dinamarca (2018)
- *To the End of the World*, Galerie Forsblom, Estocolmo, Suécia (2018)
- *Ten Thousand Waves*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Whitney Biennial 2024: Even Better than The Real Thing*, Nova York, EUA (2024)

- *Black Diasporas: 21st Century Art and Poetics*, LACMA, Los Angeles, EUA (2023)
- *Thinking Historically in the Present – Sharjah Biennial 15*, Sharjah, Emirados Arabes Unidos (2023)
- *Sweat*, Haus der Kunst, Munique, Alemanha (2021)
- 57ª Bienal de Veneza, Itália (2017)
- *Coming Out: Sexuality, Gender and Identity*, Walker Museum, Liverpool; Birmingham Museum and Art Gallery, Birmingham, Reino Unido (2017)
- Trienal de Paris, França (2012)

coleções selecionadas

- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- SFMoMA, San Francisco, EUA
- Young Museum, San Francisco, EUA

voltar ao trabalho do artista ↑

abraham palatnik

n. 1928, Natal, Brasil

m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir do final da década de 1940, momento em que cria seu primeiro Aparelho cinecromático (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade. Integrou também, a partir de meados da década de 1950, o Grupo Frente, vertente carioca do Construtivismobrasileiro, ao lado de artistas como Lygia Pape e Ivan Serpa, e críticos como Ferreira Gullar e Mário Pedrosa.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares.

clique para ver o cv completo

- exposições individuais selecionadas

 - *Abraham Palatnik: O sismógrafo da cor*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
 - *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
 - *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
 - *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
 - *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

- exposições coletivas selecionadas

 - *Sur moderno: Journeys of Abstraction – The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York,

- EUA (2019)

 - *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
 - *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018)
 - *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

- coleções selecionadas

 - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
 - Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
 - Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
 - Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
 - William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha

JR

n. 1983, Paris, França
vive e trabalha entre Paris, França e Nova York, EUA

Após encontrar uma câmera fotográfica no metrô de Paris, em 2001, JR decidiu viajar pela Europa para conhecer aqueles indivíduos que se expressavam em muros e fachadas de prédios, fazendo seus retratos e os expondo nas ruas. Graças às suas grandes intervenções em espaços públicos, ele torna visível fenômenos e pessoas que costumamos ignorar. Os retratos que cria trazem expressões questionadoras, penetrantes, observadoras e solenes, que chamam nossa atenção e permanecem na nossa consciência por muito tempo após terem sido vistas. JR concebeu e realizou filmes, instalações, intervenções e trabalhos em diferentes linguagens, colaborando, muitas vezes, com o New York City Ballet, OSGEMEOS, Agnès Varda, Robert De Niro, e muitos outros artistas.

Ao desenvolver seus projetos, JR se esforça para envolver as populações locais na realização de suas proposições. O artista chama a atenção do público, para além dos visitantes típicos de museus, ao espalhar seus trabalhos nos edifícios de Paris, nas paredes do Oriente Médio, nas pontes quebradas da África ou nas favelas do Brasil. Em cada um de seus projetos, ele atua como testemunha de uma comunidade em que os habitantes não apenas veem os trabalhos, mas também os fazem. Mulheres idosas tornam-se modelos por um dia e crianças transformam-se em artistas por uma semana. A prática de JR não separa atores de espectadores e promove o encontro entre o sujeito/protagonista e o transeunte/intérprete, levantando questões, criando vínculos sociais, reunindo comunidades e conscientizando pessoas.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *O papel da mão*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *JR: Chronicles*, Lotte Museum of Art, Seul, Coréia do Sul (2023)
- *JR: Chronicles*, Kunsthalle, Munique, Alemanha (2022)
- *JR: Chronicles*, Saatchi Gallery, Londres, Reino Unido (2021)
- *JR: Chronicles*, Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2019)
- *Momentum. La Mécanique de l’Épreuve*, Maison Européenne de la Photographie, Paris, França (2018)
- *Chroniques de Clichy-Montfermeil*, Palais de Tokyo, Paris, França (2017)
- *Kikito*, fronteira México-EUA (2017)
- *JR at the Louvre*, Musée du Louvre, Paris, França (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Forever is Now*, Pirâmides de Gizé, Gizé, Egito (2021)

-
- *JR, Adrian Piper, Ray Johnson*, Museum Frieder Burda, Berlim, Alemanha (2019)
 - *Refuge*, 21c Museum, Bentonville, EUA (2019)
 - *Post No Bills: Public Walls as Studio and Source*, Neuberger Museum of Art, Purchase, EUA (2016)
 - *Tu dois changer ta vie*, Tripostal, Lille, França (2015)

coleções selecionadas

- Brooklyn Museum, Brooklyn, EUA
- Château La Coste, Aix-en-Provence, França
- Hong Kong Contemporary Art Foundation, Hong Kong
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Palais de Tokyo, Paris, França
- San Francisco Museum of Modern Art, San Francisco, EUA

voltar ao trabalho do artista ↑

andré griffo
n. 1979, Barra Mansa, Brasil
vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

A pesquisa de André Griffo é voltada para a pintura e suas relações históricas com a representação da arquitetura. Longe dos grandes discursos panfletários, o artista nos convida a dar atenção aos mínimos detalhes de suas imagens que refletem as muitas violências que dão corpo às narrativas relativas às histórias do Brasil e suas ruínas. Nesse sentido, suas telas são complexos arquivos visuais onde coexistem os mais diversos elementos, cujas relações são capazes de ressignificar e aprofundar as críticas ali presentes. O trabalho de Griffo volta-se para a crítica das estruturas de poder, em especial sobre as ficções por elas criadas para a manutenção do controle dos indivíduos. Entre elas, o artista volta-se às permanências dos efeitos da economia escravocrata na formação histórica brasileira, assim como aos mecanismos das instituições religiosas na fundação de imaginários que visam a submissão dos fiéis.

Griffo utiliza sua formação em arquitetura para elaborar espaços em que coexistem referências históricas e contemporâneas. Seus espaços, usualmente vazios, são habitados por rastros, símbolos e signos que destacam a permanência e influência do passado em problemáticas socioculturais atuais de modo fantasmático. Sua produção entrelaça o documental e o ficcional, explorando a conexão entre as disciplinas da História da Arte e da Arquitetura às questões sociais, brasileiras e mundiais. Ao sobrepor diversas temporalidades e suas complexas realidades, os trabalhos de Griffo expõem elementos constitutivos da sociedade de modo a criar relatos sobre a permanência das coisas.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Alto Barroco*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2025)
- *Exploded View*, Nara Roesler, New York, USA (2024)
- *Voarei com as asas que os urubus me deram*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Objetos sobre arquitetura gasta*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Intervenções pendentes em estruturas mistas*, Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *From the Ashes*, People’s Palace Project, Londres, Reino Unido (2024)
- *Contratempo*, Casa Museu Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2024)

-
- 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc Vídeo Brasil, São Paulo, Brasil (2019)
 - *Intervenções*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2016)
 - *Ao amor do público*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
 - *Aparições*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
 - *Instabilidade estável*, Paço das Artes, São Paulo, Brasil (2013)

coleções selecionadas

- Denver Art Museum, Denver, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Instituto PIPA, Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil

voltar ao trabalho do artista ↑

sérgio sister
n. 1948, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Sérgio Sister iniciou sua produção no final da década de 1960, período em que atuou como jornalista e se aproximou da militância política de resistência ao regime militar brasileiro (1964–1985). Em 1970, Sister foi preso pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops-SP) e, durante dezenove meses, esteve encarcerado no Presídio Tiradentes, em São Paulo, participando de oficinas de pintura realizadas na instituição. Como parte da geração 80, ele revisita uma antiga temática pictórica: a interação entre superfície e tridimensionalidade, na tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marcou sua produção da época é a superposição de camadas cromáticas, resultando em campos de cor autônomos que coexistem harmoniosamente.

Hoje, seu trabalho combina pintura e escultura. Ele utiliza suportes derivados de estruturas encontradas e de sistemas designados a servir a nossas necessidades cotidianas, como observado nas séries *Ripas*, produzida desde o final dos anos 1990, e *Caixas*, desde 1996, cujos nomes referem-se aos produtos manufaturados dos quais derivam. São pinturas escultóricas feitas a partir de vigas de madeira encontradas, lembrando engradados, pórticos ou caixilhos de janelas. Sister pinta as vigas de madeira em várias cores e as dispõe em configurações que fazem surgir variadas profundidades, sombras e experiências de cor.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Pintura entre frestas e cavidades*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Pintura e vínculo*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Then and Now*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sérgio Sister: O sorriso da cor e outros engenhos*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Sérgio Sister*, Kupfer Gallery, Londres, Reino Unido (2017)
- *Sergio Sister: Malen Mit Raum*, Schatten und Luft, Galerie Lange + Pult, Zurique, Suíça (2016)
- *Expanded Fields*, Nymphe Projekte, Berlim, Alemanha (2016)
- *Ordem desunida*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Co/respondências: Brasil e exterior*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Entre tanto*, Casa de Cultura do Parque, São Paulo, Brasil (2020)

-
- *A linha como direção*, Pina Estação, São Paulo, Brasil (2019)
 - *The Pencil is a Key: Art by Incarcerated Artists*, Drawing Center, Nova York, EUA (2019)
 - *Géométries Américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l’Art Contemporain, Paris, França (2018)
 - *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
 - *MAC USP no século XXI – A era dos artistas*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
 - 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- François Pinault Collection, Veneza, Itália
- Fundación/Colección Jumex, Cidade do México, México
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar ao trabalho do artista ↑

artur lescher

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

O paulistano Artur Lescher destaca-se no atual panorama da arte contemporânea brasileira por suas obras tridimensionais. Há mais de trinta anos, ele apresenta um sólido trabalho, resultado de uma pesquisa em torno da articulação entre matéria, forma e pensamento. São trabalhos que excedem o caráter de escultura e cruzam as linguagens da instalação e do objeto, a fim de modificar a compreensão destas e do espaço em que se inserem. Ao mesmo tempo que sua prática está atrelada a processos industriais, sua produção não tem por único fim a forma. Ao escolher nomear obras como *Rio Máquina*, *Metamérico* ou *Inabsência*, Lescher sugere narrativas, por vezes contraditórias ou provocativas, que abrem espaço para o mito e a imaginação.

Lescher obteve reconhecimento no âmbito nacional a partir de sua participação na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, onde apresentou *Aerólitos*, obra que consiste no diálogo estabelecido entre dois balões de ar quente, cada um com onze metros de comprimento. Um deles se habitava o interior do pavilhão da mostra, e o outro, a área externa. Ao justapor sólidas estruturas geométricas e materiais resistentes como metal, pedra, madeira, latão e cobre a outros que guardam características de impermanência ou inconstância, como água, azeite e sal, Lescher enfatiza a imponderabilidade, ou “a inquietude”, como observou o crítico e curador Agnaldo Farias em relação a “suas peças, contrariando suas aparências exatas e limpas, passa-nos uma sensação de inquietude, como se nós, espectadores, estivéssemos na iminência de assistir a irrupção de algo, (...), que pode desembocar na violência, no atracamento de materiais, na deformação de um corpo, rastros de uma ação já encerrada.”

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Artur Lescher*, Instituto Artium, São Paulo, Brasil (2023)
- *Observatório*, Farol Santander, Porto Alegre, Brasil (2022)
- *Artur Lescher: Suspensão*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2019)
- *Asterismos*, Almine Rech Gallery, Paris, França (2019)
- *Porticus*, Palais d’Iéna, Paris, França (2017)
- *Inner Landscape*, Piero Atchugarry Gallery, Pueblo Garzón, Uruguai (2016)

exposições coletivas selecionadas

- 3rd Forever is Now, Pirâmide de Gizé, Egito (2023)
- Form Follows Energy, Lago / Algo, Cidade do México, México (2022)
- Tension and Dynamism Atchugarry Art Center, Miami, EUA (2018)
- Mundos transversales – Colección permanente de la Fundación Pablo

Atchugarry, Fundación Pablo Atchugarry, Maldonado, Uruguai (2017)

- Everything You Are I Am Not: Latin American Contemporary Art from the Tiroche DeLeon Collection, Mana Contemporary, Jersey, EUA (2016)
- El círculo caminaba tranquilo, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina (2014)
- The Circle Walked Casually, Deutsche Bank KunstHalle, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas

- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Philadelphia Museum of Art, Filadélfia, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar ao trabalho do artista ↑

maria klabin
n. 1978, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

A obra de Maria Klabin envolve cenas, ocorrências e paisagens permeadas pelo cotidiano e, portanto, vistas e vivenciadas de forma exaustiva. Ao lidar com elementos onipresentes, Klabin extrai a cadência de sua recorrência, buscando captar o ritmo formal embutido na repetição, ou banalidade, de sua experiência. O processo da artista consiste em produzir e reunir constantemente desenhos, fotografias e anotações que ela extrai de seu entorno. O acúmulo de pensamentos e imagens se entrelaçam e integram um sentido unitário, desvelando as intrigantes relações que constituem o centro das investigações pictóricas da artista. Em suas próprias palavras, Klabin desenvolve seu trabalho “como se estivesse escrevendo uma história, ou um diário, mas um diário de coisas que não aconteceram realmente. É uma narrativa que pode ser contada apenas através da pintura, mas que aborda temas que parecem mais familiares para escritores do que para pintores.”

Maria Klabin oscila entre extremos no que diz respeito a escala de seus trabalhos, produzindo pinturas ora pequenas, ora monumentais, a depender da natureza do tema abordado. Suas telas em reduzidas dimensões costumam servir de suporte para os fluxos rápidos de pensamento – como anotações em papel, que possivelmente tomam proveito do seu inconsciente – e capturam, efetivamente, o ritmo de seu entorno. Suas pinturas em grande formato, por sua vez, incorporam percepções de cunho mais contemplativo e onírico. Recentemente, Klabin produziu uma série de pinturas de paisagens que se aproximam da escala do mural, partindo de fragmentos de elementos autobiográficos, destilados do que ela descreve como uma improvável e fluida colcha de retalhos da memória, o que resulta em composições não atraentes e assustadoras que escapam a objetividade.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas • <i>Liquid Air</i>, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022) • <i>Paisagem com Casinha</i>, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2021) • <i>Entre rio e pedra</i>, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2017) • <i>E o dia havia acabado, quando começou</i>, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2014)	Mandos, Amsterdam, Holanda (2020) • <i>Festival de Arte Contemporânea</i>, SESC VideoBrasil, São Paulo, Brasil (2012) • <i>Novas aquisições da Coleção Gilberto Chateaubriand</i>, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012) • <i>Rumos 2005/06 Paradoxos Brasil</i>, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2006) • <i>Além da imagem</i>, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2006)
exposições coletivas selecionadas • <i>Abrasive Paradise</i>, Kunsthall KADE, Amstersfoort, Países Baixos (2022) • <i>In Waiting: Works Produced in Isolation</i>, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020) • <i>Já estava assim quando eu cheguei</i>, Ron	coleções selecionadas • Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil • Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

voltar ao trabalho do artista ↑

carlito carvalhosa
n. 1961, São Paulo, Brasil
m. 2021, São Paulo, Brasil

A obra de Carlito Carvalhosa envolve predominantemente as linguagens da instalação, da pintura e da escultura. Nos anos 1980, integrou o Grupo Casa 7, em São Paulo, do qual faziam parte também Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro. As tendências do neoexpressionismo eram visíveis na produção desses artistas, sobretudo a utilização de superfícies de grandes dimensões e a ênfase no gesto pictórico. No fim dessa década, após a dissolução do grupo e alguns experimentos com encáustica, Carvalhosa concebeu quadros com cera pura ou misturada a pigmentos. Nos anos 1990, dedicou-se à produção de esculturas de aparência orgânica e maleável, utilizando materiais diversos, caso das “ceras perdidas”. Ainda em meados dessa década, fez também esculturas em porcelana.

Carvalhosa atribui profunda eloquência à materialidade do suporte, mas a transcende e aborda questões mais amplas, relativas às transformações do espaço e do tempo. Deparamo-nos, em sua prática, com a tensão entre forma e matéria, explicitada na disjunção entre o visível e o tátil. Aquilo que vemos não é o que tocamos, assim como o que se toca não é o que se vê. Desde o início dos anos 2000, o artista tem realizado pinturas sobre superfícies espelhadas que, nas palavras do curador Paulo Venâncio Filho, “colocam nossa presença dentro delas”. Não raro, Carvalhosa realiza instalações em que, além de técnicas usuais, faz uso de materiais como tecidos e lâmpadas.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Carlito Carvalhosa - A Metade do Dobro*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2024)
- *A Natureza das Coisas*, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2024)
- *Matter as Image. Works from 1987 to 2021*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *I Want to Be Like You*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sala de espera*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2013)
- *Sum of Days*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2011)
- *Corredor*, Projeto Parede, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *Sensory Poetics: Collecting Abstraction*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2022)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*,

-
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019); Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
 - *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
 - 10ª Bienal de Curitiba, Brasil (2015)
 - *Rio (River)*, Performance, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2014)
 - 30ª e 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (2013 e 1985)
 - 3ª Bienal do Mercosul, Brasil (2001)

coleções selecionadas

- Salomon R. Guggenheim Museum, New York, USA
- Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami, EUA
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA

[voltar ao trabalho do artista ↑](#)

heinz mack

n. 1931, Lollar, Alemanha

vive e trabalha entre Mönchengladbach, Alemanha e Ibiza, Espanha

Ao longo da sua carreira, Heinz Mack tem desenvolvido uma prática ancorada nas investigações sobre a luz, a temporalidade e o movimento. Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel. Mack iniciou sua carreira na década de 1950, quando fundou, ao lado de Otto Piene, o Grupo ZERO (1957–1966), ao qual mais tarde viria a se juntar Gunther Uecker, em 1961. O objetivo do coletivo estava em criar um espaço desprovido de estruturas prévias, um lugar silencioso no qual poderiam se originar novas possibilidades. Mack também manteve contato próximo com Yves Klein, com quem desenvolveu uma grande amizade que os levariam a colaborar em inúmeras ocasiões, e que seria responsável por lhe apresentar a Jean Tinguely, revelando um universo de experimentações que informaram sua própria busca pela pureza estética, pelo essencial. O próprio artista sintetiza: “O objetivo é alcançar a clareza pura, grandiosa e objetiva, livre da expressão romântica e arbitrariamente individual. Em meu trabalho eu exploro e busco fenômenos estruturais, cuja lógica estrita eu interrompo ou amplio por meio de intervenções aleatórias, ou seja, de eventos fortuitos.”

[clique para ver o cv completo](#)

- exposições individuais selecionadas

 - *The light in Me*, Osthaus Museum, Hagen, Alemanha (2023)
 - *Vibration of Light*, Biblioteca Nazionale Marciana, Veneza, Itália (2022)
 - *Paragold*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
 - *Taten Des Lichts: Mack & Goethe*, Goethe-Museum, Düsseldorf, Alemanha (2018)
 - *Heinz Mack – From Time to Time. Painting and Sculpture*, 1994–2016, Palais SchönbornBatthyány, Viena, Áustria (2016)
 - *Mack – Just Light and Color*, Sakip Sabanci Museum, Istambul, Turquia (2016)
 - *Heinz Mack – The light of my colors*, Museum Ulm, Ulm, Alemanha (2015)
 - *Mack – The Language of My Hand*, Museum Kunstpalast, Düsseldorf, Alemanha (2011)
 - *Heinz Mack – Licht der ZERO-Zeit*, Ludwig Museum im Deutschherrenhaus, Koblenz, Alemanha (2009)

- exposições coletivas selecionadas

 - *Parallel inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack, Nara Roesler*, Nova York, EUA (2023)

- *The Sky as Studio – Yves Klein and his contemporaries*, Pompidou Metz, Metz, França (2021)*New Beginnings: Between Gesture and Geometry*, Georgem Economou Collection, Atenas, Grécia (2016)
 - *Facing the Future. Art in Europe, 1945–1968*, Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
 - *ZERO: Let Us Explore the Stars*, Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda (2015)
 - *ZERO: Countdown to Tomorrow, 1950s–60s*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2015)
 - *The Sky Over Nine Columns*, Bienal de Veneza, Itália (2014)
 - 35th Venice Biennale, Itália (1970)
 - *Documenta II* (1959) and *Documenta III* (1966), Kassel, Alemanha

- coleções selecionadas

 - Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, EUA
 - Centre Georges Pompidou, Paris, França
 - Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, EUA
 - Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
 - Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
 - Tate, Londres, Reino Unido

voltar ao trabalho do artista ↑

julio le parc
n. 1928, Mendoza, Argentina
vive e trabalha em Cachan, França

Julio Le Parc é reconhecido internacionalmente como um dos principais nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de seis décadas, ele realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações abordam questões relativas aos limites da pintura a partir de procedimentos que se aproximam da tradição pictórica na história da arte, como o uso de acrílico sobre tela, ao mesmo tempo que investigam potencialidades cinéticas em *assemblages*, instalações e aparelhos maquínicos que exploram o movimento real e a atuação da luz no espaço.

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi cofundador do Groupe de Recherche d’Art Visuel (1960–1968), coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração, bastante disseminada na época, de uma arte desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Julio Le Parc: The Discovery of Perception*, Palazzo Delle Papesse, Siena, Itália (2024)
- *Julio Le Parc: Couleurs*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
- *Quintaesencia*, Museo de Arte Contemporáneo Atchugarry (MACA), Punta del Este, Uruguai (2023)
- *Julio Le Parc: Un Visionario*, Centro Cultural Néstor Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2019)
- *Julio Le Parc 1959*, Metropolitan Museum of Art (Met Breuer), Nova York, EUA (2018)
- *Julio Le Parc: Da forma à ação*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2017)
- *Julio Le Parc: Form into Action*, Perez Art Museum, Miami, EUA (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Electric Dreams: Art and Technology Before the Internet*, Tate Modern, Londres, Reino Unido (2024)
- *Parallel Inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Action <-> Reaction: 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthall Rotterdam, Rotterdam,

- Países Baixos (2018)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Museum of Modern Art, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, II Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA), Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)
- *Retrospect: Kinetika 1967*, Belvedere Museum, Viena, Áustria (2016)
- *The Illusive Eye*, El Museo del Barrio, Nova York, EUA (2016)

coleções selecionadas

- Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA
- Daros Collection, Zurique, Suíça
- Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA
- Musée d’Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

voltar ao trabalho do artista ↑

sheila hicks
n. Hastings, EUA, 1934
Vive e trabalha em Paris, França

Sheila Hicks é uma das mais importantes artistas do modernismo tardio no Ocidente, além de pioneira no uso de técnicas têxteis para a produção de trabalhos de arte, ela possui presença destacada no panorama da arte contemporânea desde a década de 1960. Sua produção iniciou-se no final dos anos 1950, logo após ter finalizado seus estudos na Yale Art School, em que esteve em contato com os ensinamentos de mestres como Josef Albers, Rico Lebrun, Bernard Chaet e George Kubler. Artista global avant la lettre, Hicks realizou inúmeras viagens nas quais dedicava-se a estudar a cultura de cada lugar e suas práticas locais, com foco, sobretudo, naquelas relacionadas à tecelagem e à produção têxtil em países como México, Marrocos, Índia, Coréia, Japão, Peru, Israel, Suécia e África do Sul.

Seu trabalho caracteriza-se pela investigação da escala, variando do mínimo ao monumental e frequentemente ocupando o espaço limiar entre arte, design, artesanato e arquitetura. Dentro da multiplicidade de sua produção, Sheila Hicks confere sempre à cor papel de destaque, de modo a evocar suas incursões iniciais na pintura. Ela utiliza sua prática na tecelagem como uma extensão da pintura – “uma pintora perdida na selva de fibras buscando encontrar uma saída”, brinca a artista ao comentar sua relação com a técnica têxtil. Hicks também se tornou conhecida por utilizar uma vasta gama de materiais, desde pedaços de ardósia e fios até uniformes de enfermeiros e militares. Recentemente, Hicks começou a realizar experimentos com materiais biodegradáveis, que, embora estejam fadados a se desintegrar fisicamente, não chegam propriamente a desaparecer, uma vez que a artista procura despertar, ou construir, experiências memoráveis, perenes a auráticas.

exposições individuais selecionadas

- *Reencuentro*, Museo Chileno de Arte Precolombino, Santiago, Chile (2019)
- *Sheila Hicks: Lignes de Vie*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2018)
- *Hop, Skip, Jump, and Fly: Escape From Gravity*, The High Line, Nova York, EUA (2017)
- *Sheila Hicks: Hilos libres. El textil y sus raíces prehispánicas, 1954–2017*, Museo Amparo, Puebla, México (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Surrounds – 11 installations*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *Weaving Beyond the Bauhaus*, The Art Institute of Chicago, Chicago, EUA (2019)
- *Making Knowing: Craft in Art, 1950-2019*, Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA (2019)

-
- *Beyond Craft*, Tate Modern, London, Reino Unido (2018)
 - *Voyage d’Hiver*, Château de Versailles, Versailles, França (2017)
 - 57th Biennale di Venezia, Venice, Itália (2017)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Industriet Museum, Oslo, Noruega
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- National Museum of Modern Art, Tóquio, Japão
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Países Baixos
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido)

voltar ao trabalho do artista ↑

vik muniz
n. 1961, São Paulo, Brasil
vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

[clique para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Flora Industrialis*, Museo Universidad de Navarra, Pamplona, Espanha (2023)
- *Dinheiro Vivo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Fotocubismo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Vik Muniz*, Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, EUA (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Fantastic Visions: Surreal and Constructed Images*, Amarillo Museum of Art, EUA (2022)
- *Art of Illusion*, Nelson-Atkins Museum of Art, Kansas City, EUA (2021)
- *Citizenship: A Practice of Society*, Museum

- of Contemporary Art, Denver, EUA (2020)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the “la Caixa” Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

voltar ao trabalho do artista ↑

tomie ohtake
n. 1913, Kyoto, Japão
m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Sua carreira como artista plástica começou na década de 1950, sob a orientação do artista japonês Keiya Sugano. Após uma fase inicial voltada para estudos figurativos em pintura, passou a explorar o abstrato. Durante esse período, criou uma série de trabalhos conhecidos como “pinturas cegas”, em que pintava com os olhos vendados. Tal prática foi sugestão do crítico Mário Pedrosa, um dos principais teóricos do movimento neoconcreto brasileiro, enfatizando a sensibilidade e a intuição em sua prática.

Em suas pinturas de meados da década de 1970 até a década de 1980, Ohtake desenvolveu um estilo distinto e inigualável de abstração figural. As suas magníficas obras, caracterizadas por formas redondas e orgânicas que preenchem o campo visual, são executadas com sutis gradações de tonalidade e extensões monocromáticas. Com isso, ela transformou o legado do modernismo brasileiro em um dos repertórios mais eloquentes da pintura tardo-moderna das Américas. Foi durante esse período que o trabalho de Ohtake assumiu uma dimensão cósmica, impulsionando sua transição para a escultura e o espaço real.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Tomie Ohtake Dançante*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Visible Persistence*, Nara Roesler Nova York, EUA (2021)
- *Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
- *Tomie Ohtake 100–101*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2015)
- *Pinturas Cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Open Ended: SFMoMA’s Collection – 1900 to now*, SFMoMA, San Francisco, EUA (2024)
- 60ª Bienal de Veneza, *Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere*, Veneza Itália (2024)
- *Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940–70*, Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2023)
- *Composições para tempos insurgentes*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Surface Work*, Victoria Miro, London, United Kingdom (2018)

- *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
- *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong (2015)
- *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA’s Collection*, Art Museum of the Americas, Washington DC, EUA (2013)

coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), San Francisco, EUA
- M+, Hong Kong
- Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
- Mori Art Museum, Tóquio, Japão
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

[voltar ao trabalho do artista ↑](#)

daniel senise

n. 1955, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro e São Paulo, Brasil

Daniel Senise é um dos representantes da chamada Geração 80, marcada pelo processo de retomada da pintura no Brasil. Desde o final da década de 1990, sua prática artística consiste no que pode ser descrito como “construção de imagens”. O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotípias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Sua produção tem forte relação com o espaço, cujos restos são incorporados aos trabalhos, de modo que ele passa a ser apresentado não só como figuração, mas também como matéria exposta. Cerâmicas quebradas, barras de metal, pedaços de madeira, poeira, entre outros elementos encontrados, são fixados sobre as imagens, servindo como anteparos que dificultam com que ela seja vista e, ao mesmo tempo, ressaltam seu caráter de rastro. Cria-se um jogo entre a realidade da matéria e sua representação. Por outro lado, o tempo também se faz fundamental, sobrepondo cronologias, gestos e vivências, a partir das complexas relações entre permanência e desaparecimento.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Biógrafo: Daniel Senise*, Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP), São Paulo, Brasil (2023)
- *Verônica*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Todos os Santos*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2019)
- *Antes da palavra*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Printed Matter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2017)
- *Quase aqui*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *2892*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2011)
- *Pinacoteca do Estado de São Paulo*, São Paulo, Brasil (2009)
- *Vai que nós levamos as partes que te faltam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2008)
- *The Piano Factory*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2002)

-
- *Museo de Arte Contemporáneo, Monterrey, México* (1994)
 - *Museum of Contemporary Art, Chicago, EUA* (1991)

exposições coletivas selecionadas

- *18ª, 20ª, 24ª e 29ª Bienal de São Paulo, Brasil* (1985, 1989, 1998, 2010)
- *11ª Bienal de Cuenca, Equador* (2011)
- *44ª Bienal de Veneza, Itália* (1990)
- *2ª Bienal de La Habana, Havana, Cuba* (1986)

coleções selecionadas

- Stedelijk Museum Amsterdam, Amsterdam, Holanda
- Ludwig Museum, Köln, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil

[voltar ao trabalho do artista ↑](#)

marcos chaves
n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Apesar de ter iniciado sua carreira na primeira metade dos anos 1980 (quando a pintura ocupava lugar central na prática artística), é na utilização de diversas mídias que Marcos Chaves encontra uma das marcas de sua obra, que transita livremente entre a produção de fotografias, instalações, vídeos, palavras e sons. Essa variedade realiza-se em consonância com seu trabalho profundamente crítico e que, não obstante a coerência, permanece aberto a interpretações, especialmente em função da marcada presença de humor e ironia.

Em sua obra, é frequente a apropriação de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que evidenciam, de maneira direta, ou a partir de pequenas intervenções, o caráter extraordinário que pode habitar no prosaico. Sua produção se insere, de maneira renovada, na longa tradição de artistas que tensionam a relação entre imagem e linguagem ao propor, por exemplo, títulos sutilmente ambíguos e divertidos, que conduzem a uma reflexão bem-humorada sobre a sociedade e a cultura.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Marcos Chaves: as imagens que nos contam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Marcos Chaves no MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Eu só vendo a vista*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Marcos Chaves – ARBOLABOR*, Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha (2015)
- *Logradouro*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Histórias Brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Inside the Collection – Approaching Thirty Years of the Centro Pecci*

- (1988–2018)*, Centro per l’Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013)
- 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011)
- Manifesta 7, Bolzano, Itália (2007)
- *All About Laughter – Humour in Contemporary Art*, Mori Art Museum, Tóquio (2006)
- 1ª e 4ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2005)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- Centro per l’Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália
- Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha
- Ella Fontanals-Cisneros Collection, Miami, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

voltar ao trabalho do artista ↑

fabio miguez

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

A pesquisa pictórica de Fábio Miguez é voltada para a espacialidade e a materialidade. Assim como os demais membros fundadores do ateliê Casa 7, Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, Miguez, na década de 1980, era influenciado pela pintura neoexpressionista alemã. No período, seus trabalhos são marcados pelo acúmulo de matéria e pelas tonalidades escuras em composições que remetem à paisagens. Durante os anos 1990, começou a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, a série de foto *Derivas*, que foram publicadas no livro *Paisagem zero* (2013). Sua pesquisa passa a se debruçar sobre a luz, em composições abstratas, em que a gestualidade expressiva vai dando espaço à uma geometria frouxa, e as cores claras e transparentes ganham protagonismo.

Nos anos 2000, Miguez investiga a pintura no campo tridimensional, criando instalações com a sobreposição intervalada de placas de vidro pintadas, assim como suas valises que comportam objetos que permitem a interação do espectador, recombinando os diversos elementos ali presentes. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, que se manifesta em trabalhos da época em que o espaço vai ganhando contornos cada vez mais definidos. Desde 2010, Miguez se dedica à série *Atalhos*, em que se apropria de fragmentos e detalhes de pinturas de grandes mestres, reelaborando-as em pinturas de pequenas dimensões, empregando repetições e operações de inversão e espelhamento. Um desdobramento desse conjunto são as pinturas da série *Volpi*, na qual o artista se apropria de um fragmento de uma fachada do pintor itálo-brasileiro, reelaborando-a em grandes pinturas.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Alvenarias*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Fragmentos do real (atalhos)* – Fábio Miguez, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2018)
- *Horizonte, deserto, tecido, cimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro (2016); Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *Paisagem zero*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2012)
- *Temas e variações*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2008)
- *Fábio Miguez*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2003)

exposições coletivas selecionadas

- *Co/respondências: Brasil e exterior*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Alfredo Volpi & Fábio Miguez: Alvenarias*, Gladstone 64, Nova York, EUA (2023)
- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções*

- e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Oito décadas de abstração informal*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2018)
- *Casa 7*, Pivô, São Paulo, Brasil (2015)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 2ª Bienal de Havana, Cuba (1986)
- 18ª e 20ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985 e 1989)

coleções selecionadas

- Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil
- Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

[voltar ao trabalho do artista ↑](#)

marcelo silveira
n. 1962, Gravatá, Brasil
vive e trabalha em Recife, Brasil

A prática de Marcelo Silveira parece questionar categorias pré-estabelecidas, ao desafiar e tensionar definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação e colecionismo. Sua produção move-se a partir do interesse pela materialidade. Tudo pode ser objeto de trabalho: madeira, couro, papel, metal, plástico e vidro são apenas alguns dos elementos explorados. Contudo, também é fundamental a configuração por eles assumida, que pode ser criada a partir do repertório formal comum àqueles objetos – garrafas e copos de vidro, por exemplo – ou pela recriação de formas familiares e comuns em matérias inesperadas – como Silveira faz com a madeira, por exemplo.

O colecionismo, de fato, constitui estratégia privilegiada do artista, ao lado do constante jogo entre apropriação e produção. Essas operações aparecem em seu trabalho de diversos modos, seja pelo acúmulo de artefatos encontrados no mundo – como cartões postais, réguas de desenho, vidros de perfume etc. –, em objetos que remetem a utensílios domésticos, mas desprovidos de qualquer utilidade, ou até pela apresentação dos trabalhos sob a forma de conjuntos, em que cada fragmento se integra àquela totalidade, ressignificando-a. Nesse sentido, a organização é fundamental na prática de Silveira, não só como estratégia expositiva, mas também para conferir novo sentido a esses objetos, que possuem a potência de despertar memórias afetivas.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Hotel solidão*, Nara Roesler, Nova York, Brasil (2022)
- *Compacto com pacto*, Sesc Triunfo, Triunfo, Brasil (2019)
- *Com texto, obras por Marcelo Silveira*, Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba (MACS), Sorocaba, Brasil (2018)
- *Censor, Museu da Imagem e do Som* (MIS), São Paulo, Brasil (2016)
- *1 Dedo de Prosa*, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Língua solta*, Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, Brasil (2021)
- *35º Panorama da Arte Brasileira*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2017)

-
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
 - *10ª Bienal do Mercosul*, Porto Alegre, Brasil (2015)
 - *Travessias*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2013)
 - *29ª Bienal de São Paulo*, São Paulo, Brasil (2010)
 - *4ª Bienal de Valência*, Espanha (2007)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar ao trabalho do artista ↑

mônica ventura
n. 1985, São Paulo, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Mônica Ventura é uma artista visual e designer, formada em Desenho Industrial pela FAAP, e mestre em Poéticas Visuais (PPGAV) pela ECA-USP, cujo trabalho investiga as complexas intersecções entre o feminino e a racialidade. Através de uma pesquisa aprofundada, a artista resgata e reinterpreta elementos culturais pré-coloniais como a arquitetura e as técnicas de trabalho manuais dos povos afro-ameríndios. Para Ventura, esse mergulho em saberes ancestrais é uma forma de reconexão pessoal. “A ancestralidade é uma chave para lembrarmos de quem somos e de seguir se desvinculando do plano colonizador que visa polir a individualidade”, explica.

Sua prática multidisciplinar abrange vídeo, escultura e pintura, permitindo-lhe transitar entre o espiritual e o concreto, e dar voz às experiências multifacetadas das mulheres negras, com um olhar que combina força e a delicadeza do feminino. Ao desafiar o formalismo estético, Ventura cria um “belo ruído organizado”, que convida o público a refletir sobre identidade, memória e poder.

selected solo exhibitions

- *A Noite Suspensa ou o que posso aprender com o Silêncio*, Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil (2023)
- *O Sorriso de Acotirene*, Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)

selected group exhibitions

- *Cantando Bajito: Incantations*, Ford Foundation, Nova York, EUA (2024)
- *Encruzilhadas da Arte Afro-brasileira*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), São Paulo, Brasil (2023)
- *Brasil Futuro: Formas da Democracia*, Museu da República, Brasília, Brasil (2023)
- *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)

-
- *Enciclopédia Negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
 - *Histórias Feministas*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2019)

selected collections

- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil

voltar ao trabalho do artista ↑

thiago barbalho

n. 1984, Natal, Brasil

vive e trabalha em São Roque, Brasil

Escritor e artista visual, Thiago Barbalho encontrou no desenho um modo de expressão que suplantou uma crise com a palavra. Trabalhando em diferentes dimensões e com diversos materiais (lápis de cor, grafite, spray, óleo, pastel oleoso e marcador sobre papel), suas composições trazem ao olhos do público universos intrincados, em que formas e cores se entrelaçam e embaralham em narrativas que parecem radicalizar e dotar de um ar contemporâneo e lisérgico o universo fantástico de Hieronymus Bosch.

Segundo a crítica e curadora Kiki Mazzuccheli: “Ao trabalhar essencialmente com desenho, Barbalho produz composições extremamente intrincadas, porém não planejadas, nas quais uma multiplicidade de imagens, símbolos e campos de cor se fundem umas nas outras para criar superfícies vibrantes ininterruptas”. O aparente caos de suas imagens surgem do vagar do gesto que traceja, recusando a submeter-se às lógicas formais ditadas pela racionalidade. De fato, deparamo-nos em seu trabalho com fragmentos diversos, uma profusão de referências de diferentes esferas, da cultura pop à tradição da história da arte, desierarquizando categorias e a própria relação entre figura e fundo.

Com formação em Filosofia, Barbalho se ampara em conceitos da disciplina para guiar sua prática. Nesse sentido, ele entende o desenho como uma tecnologia ancestral, que atravessa eras e culturas, sendo uma invenção da espécie humana, qualificando-a. Sua pesquisa visual vê no desenho o rastro de uma presença e da relação entre a mente – a imaginação –, e o corpo – o gesto –, entre a consciência e a realidade.

[clique para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Segredos e Feitiços*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
- *Cacimba Nova*, Casa de Cultura Jardim do Seridó, Jardim do Seridó, Brasil (2024)
- *Depois que entra ninguém sai*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Correspondência*, Galeria Marília Razuk, São Paulo, Brasil (2019)
- *Thiago Barbalho*, Kupfer Project Space, Londres, Reino Unido (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *Phantom Dance: Thiago Barbalho and Theodore Ereira Guyer*, Elizabeth XI Bauer, Londres, (2023)
- *Mapa da estrada: Novas obras no acervo da*

-
- Pinacoteca de São Paulo*, Pinacoteca de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)

• *Electric Dreams*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)

• AVAF, Casa Triângulo, São Paulo, Brasil (2018)

• *Rocambole*, Pivô, São Paulo, Brasil (2018)

• *Rocambole*, Kunsthalle Lissabon, Lisboa, Portugal (2019)

• *Voyage*, Galeira Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2017)

• *Shadows & Monsters*, Gasworks, Londres, Reino Unido (2017)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar ao trabalho do artista ↑

manoela medeiros
n. 1991, Rio de Janeiro, Brasil
vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Paris, França

Em seu trabalho Manoela Medeiros interroga os meios artísticos além de seus formatos convencionais, onde pinturas e instalações *in situ* servem para explorar as relações entre espaço, tempo e a corporeidade da arte e do espectador. Em uma perspectiva híbrida do pictórico, Medeiros articula uma abordagem da pintura que ultrapassa a especificidade de seu próprio meio, utilizando recursos da escultura, da performance e da instalação.

Intervindo muitas vezes de maneira direta nos espaços expositivos, sua obra sobrepõe as temporalidades da própria prática artística e do ambiente construído no qual se insere. Medeiros concebe a obra a partir de detalhes do lugar, sejam eles materiais, elementos estruturais ou até mesmo sua relação com a iluminação, natural e artificial. Sua prática introduz no espaço uma organicidade ao expor suas entranhas, ou estruturas, fazendo da arquitetura não apenas uma estrutura, mas um corpo.

A prática de Medeiros comporta procedimentos arqueológicos, tornando visível aquilo que muitas vezes subjaz, assim como se nutre da ideia de ruína, um índice espacial da passagem do tempo. Medeiros escava as superfícies, como as paredes do espaço expositivo, para trazer à tona suas sucessivas camadas, as diferentes cores e materiais que ali foram aplicados e que permaneciam esquecidas. Desse modo, a artista visa refundar nossa experiência temporal ao expor, simultaneamente, suas sucessivas camadas, cada qual portadora da memória do momento em que foi aplicada, deixando-as coexistir e interpenetrar-se. Medeiros opera entre a construção e a destruição, mostrando sua complementaridade, mais do que seu antagonismo

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- O carnaval da substância, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- Concerto a céu aberto, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2020)
- L’être dissout dans le monde, Galerie Chloé Salgado, Paris, França (2019)
- Poeira varrida, Galeria Fortes D’Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2017)
- Falling Walls, Double V Gallery, Marselha, França (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Primer Aviso*, Space Julio, Paris, França (2024)
- *Ni Drame Ni Suspense*, Friche Belle de Mai, Marselha, França (2023)

-
- Afirmacão - Brésil, l’affirmation d’une generation, La Galerie du Jour, Paris, França (2023)
 - Arqueologias no presente, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
 - Recycler / Surcycler, Fondation Villa Datris, L’Isle-sur-la-Sorgue, França (2020)
 - Reservoir, 019, Ghent, Bélgica (2020)
 - Vivemos na melhor cidade da América do Sul, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2018)
 - Hall-statt, Galeria Fortes D’Aloia e Gabriel, São Paulo, Brasil (2016)
 - In Between, Galeria Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2016)
 - 11º Abre Alas, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brasil (2015)

voltar ao trabalho do artista ↑

nara roesler

são paulo

av europa, 655

jardim europa, 01449-001

são paulo, sp, brasil

t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241

ippanema, 22421-030

rio de janeiro, rj, brasil

t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street

new york, 10011 ny

usa

t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art